

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS
CENTRO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE MESTRADO EM LETRAS

SÍLVIA CARVALHO MOURÃO

A SEMANA: PERIÓDICO LITERÁRIO

SANTARÉM
2006

SILVIA CARVALHO MOURÃO

A SEMANA: PERIÓDICO LITERÁRIO

Dissertação apresentada para obtenção de grau de Mestre em Teoria Literária. Departamento de língua e literatura vernácula, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará. Área de Concentração: Estudos Literários.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Germana Sales

SANTARÉM
2006

SILVIA CARVALHO MOURÃO

A SEMANA: PERIÓDICO LITERÁRIO

Dissertação apresentada para obtenção de grau de Mestre em Teoria Literária. Departamento de língua e literatura vernáculas, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará. Área de Concentração: Estudos Literários.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Germana Sales

Data de aprovação: 30/10/2006

Banca Examinadora:

Germana Maria Araújo Sales

Orientadora
Doutora
Universidade Federal do Pará

Ângela Maria Pereira de Melo

Secretária
Universidade Federal do Pará

Marlí Tereza Furtado

Membro
Doutora
Universidade Federal do Pará

Lívia Lopes Barbosa

Membro
Doutora
Universidade Federal do Pará

Joel Cardoso da Silva

Suplente
Doutor
Universidade Federal do Pará

Aos meus pais:
Silvério Sirotheau Corrêa (in memorian)
e Edineusa Carvalho Mourão

Aos meus filhos:
Fernanda Cristina e Santosh Thomas
... com todo o amor, sou grata pelo apoio,
incentivo, ajuda e carinho.

*Os meus poemas já andaram muito,
Já amaram muito
Já sofreram muito...
Agora estão cansados ...
Pedem agasalhos na tua alma!*

Adalcinda Camarão

RESUMO

A vinda da Família Real para o Brasil, em 1808, trouxe grandes mudanças e entre elas a primeira manifestação periódica o *Correio Brasiliense*, editado em Londres. No início do século XX, sobretudo, com a *Semana de Arte Moderna* em 1922, surgem revistas como: *Klaxon*, *Estética*, *Festa* e outras. A partir delas editam-se outras que constituíram importantes documentos da sociedade brasileira e registraram as novas tendências do público leitor. O Pará não ficou ausente desses acontecimentos e teve a Imprensa como seu principal veículo de divulgação. Algumas revistas e alguns jornais surgiram nessa época na capital do Estado, entre as quais se destacou a revista *A Semana*, que circulou por vinte e cinco anos. Esse semanário mantinha correspondência com outras regiões do Brasil: São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Maranhão. Nessas regiões havia colaboradores da revista, o que permitia a troca de informações do que acontecia no mundo literário e no mundo cultural. Dos periódicos compilados foram selecionados quatro exemplares do ano de 1939 para serem estudados, neste trabalho. Neles foram feitos levantamentos da capa, das publicações literárias, do gênero a que essas produções pertenciam e de seus respectivos autores. Pelo quadro-resumo feito dessas edições, percebeu-se que os editores procuravam seguir um padrão divulgando textos de cunho literário, como contos, poemas, trechos de romances, ensaios, entre outros. Em algumas dessas produções ficaram evidentes que nem todas absorveram a nova tendência estética que veio com *A Semana de Arte Moderna*, pois havia escritores que oscilavam entre as estéticas Romântica, Simbolista e Parnasiana. Por outro lado existiam aqueles que se destacavam, incorporando esse novo tempo literário. Em meio a essas produções despontava a figura feminina, num lugar de destaque, que além de ilustrarem a capa do periódico ainda apareciam nas páginas subseqüentes. Todas essas informações divulgadas no periódico deram mais credibilidade à Revista e permitiu que a Literatura Paraense fizesse parte desse novo momento da Literatura Brasileira.

Palavras chaves: Publicações Literárias, Revistas, Modernismo

ABSTRACT

In Brazil the coming of the Real Family in 1808, brought great changes and among them was the first periodical manifestation *O Correio Brasiliense*, edited in London, considered for researchers a magazine to judge for the etimologia of the appositive *Armazén*. From 1833 it had editions of magazines published in Brazil, Paris and New York. The beginning of XX century, over all, with the Week of Modern Art in 1922, appears magazines that break with the traditionalism as: *Klaxon*, *Estética*, *Festa e others*. From then onwards others had appeared that constituted important documents of the Brazilian society and registered the new trends of public reader. Pará was not absent of these events and had the Press as its main vehicle of divulgation. Some magazines and some news papers had appeared at this time in the capital of the State, among which the magazine *A Semana* was outstanding, that circulated for twenty five years. This weekly kept correspondence with other regions of Brazil: São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Maranhão. In these regions it had collaborators of the magazine, that allowed the exchange of information of what happened in the literary world and the cultural world. Of the compiled periodical they had selected four (04) exemplary ones of the year of 1939 to be studied, in this work. In them had made surveys of the cover, of literary publications, the sort the one that these productions belonged and of its respective authors. For the done summary of these editions, one could perceive that the publishers looked for a pattern: they practically divulged texts of literary matrix, like stories, poems, part of romances, essays. Some of these productions had been evident that nor all had absorbed the new aesthetic trend that came with the *Semana de Arte Moderna*, (week of modern art) because there where writers who had oscillated between aesthetic Romantic one, Simbolista and Parnasiana. On the other hand those who had been outstanding, incorporating this new literary time. In the middle of these productions had appeared the feminine figure, in a prominence place, that beyond illustrating the cover of the periodical still appeared in the following pages. All those informations divulged in the periodical had given more credibility to the Magazine and allowed that Paraense Literature become part of this new moment of Brazilian Literature.

Words keys: Literary publications, Magazines, Modernismo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 PANORAMA DO GÊNERO REVISTA NO OCIDENTE, NO BRASIL E NO PARÁ	11
2.1 O VOCÁBULO RE(VISTA)	11
2.2 A TRAJETÓRIA DO GÊNERO REVISTA NO OCIDENTE	12
2.3 A HISTÓRIA DA REVISTA NO BRASIL	16
2.4 O SURGIMENTO DA IMPRENSA E A REVISTA NO PARÁ	27
3 A HISTÓRIA DA REVISTA A SEMANA	36
3.1 ASPECTOS ECONÔMICOS, HISTÓRICOS E SOCIAIS DA CAPITAL NO INÍCIO DO SÉCULO XX	40
4 OCORRÊNCIAS LITERÁRIAS NA REVISTA A SEMANA NAS EDIÇÕES DOS Nºs 1016, 1018, 1024 E 1026	49
4.1 EDIÇÃO Nº 1016: A MULHER <i>IN FOCO</i> E O CINEMA	49
4.2 EDIÇÃO 1018 DE 1939: MEMÓRIAS	58
4.3 EDIÇÃO 1024: ANIVERSÁRIO DA REVISTA	66
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS	83
ANEXOS	88

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: <i>Correio Brasiliense</i> . Capa do primeiro número	16
Figura 2: Revista <i>Semana Ilustrada</i> . Capa da sétima edição	19
Figura 3: Revista <i>Kósmos</i> . Capa do primeiro número	21
Figura 4: Capa da revista <i>Fon-Fon</i> , de 17/03/1917	21
Figura 5: Capa do primeiro número da revista <i>Klaxon</i>	22
Figura 6: Capa da revista <i>Festa</i>	24
Figura 7: Página de rosto da reedição fac-similar da Revista <i>Antropofagia</i> ..	24
Figura 8: Capa da edição nº 157 de 7/1937. <i>Guajarina</i>	30
Figura 9: Periódico nº 3 de 6/1938. <i>Terra Imatura</i>	30
Figura 10: Capa da edição nº17 de 23.9.1936. <i>Novidades</i>	30
Figura 11: Propaganda de arte gráfica. Edição de 29/05/1921	36
Figura 12: Cópia da Identidade do redator Alonso Rocha, de 1945	39
Figura 13: Cartazes dos cinemas	47
Figura 14: Expediente da edição nº 1016. <i>A Semana</i>	49
Figura 15: Capa da edição nº 1038, de 08/07/1939. <i>A Semana</i>	50
Figura 16: Capa da edição nº 1016, de 21/01/1939. <i>A Semana</i>	51
Figura 17: Foto de Celeste Camarão (Cantora)	57
Figura 18: Capa da edição 1018, de 04/10/1939. <i>A Semana</i>	58
Figura 19: Propaganda de livraria. Edição nº 1017. <i>A Semana</i>	59
Figura 20: Bruno Menezes. Edição nº 1024 de 23/03/1939. <i>A Semana</i>	63
Figura 21: Nunes Pereira (na redação da revista) Fonte: Periódico nº 1018 de 04/02/1939. <i>A Semana</i>	63
Figura 22: Poema da edição nº 1024. <i>A Semana</i>	64
Figura 23: propaganda. Edição 1026, de 21/01/1939. <i>A Semana</i>	65
Figura 24: Propaganda. Edição nº 08 de 08/03/1939. <i>Terra Imatura</i>	66
Figura 25: Capa da edição nº 1024, de 23/03/1939. <i>A Semana</i>	67
Figura 26: Fonte: Periódico nº 1024 de 23/03/1939. <i>A Semana</i>	68
Figura 27: Poema <i>Ave Maria</i> , edição nº 1024 de 23/03/1939. <i>A Semana</i>	70
Figura 28: Fotos dos redatores da revista. Edição 1024. <i>A Semana</i>	74

1 INTRODUÇÃO

O trabalho em estudo tem como principal objetivo verificar, sobretudo, as ocorrências literárias na Revista *A Semana*, no ano de 1939. Essa pesquisa se justifica por dois motivos: primeiro, o fato de a revista ter tido a maior circulação em relação às outras, publicadas no início do século XX e, segundo, por ser uma pesquisa original sobre as publicações literárias, nesse periódico.

A pesquisa ocorreu em três etapas: a primeira foi realizar o levantamento das revistas que circularam no começo do século XX, na cidade de Santarém. Para tanto, dirigi-me ao ICBS, Instituto Cultural Boanerges Sena, no qual há um acervo de periódicos do Pará, do Rio de Janeiro, de São Paulo e do Maranhão, que circularam no começo do século. No Instituto foram encontrados sessenta (64) exemplares da revista *A Semana*, doado pela família do Dr. Nestor Miléo, correspondente da revista nesta cidade. Depois fui à Belém com o intuito de conseguir os primeiros exemplares, o que não havia no Instituto. A pesquisa ocorreu em dois lugares: na Biblioteca Arthur Viana – Centur – e na Academia Paraense de Letras. O Centur dispunha de 23 exemplares, dos anos de 1919 e 1920, e nenhum deles microfilmados, devido à falta de verbas, o que inviabilizou a pesquisa. Dirigi-me então à Academia Paraense de Letras, onde tinham apenas dez (10) exemplares, do ano de 1939. Dessa forma optei em fazer a compilação de dados em Santarém, por possuir maior número de exemplares e por residir na referida cidade.

O segundo passo da pesquisa foi colecionar os exemplares por data de publicações. E, ao selecionar as datas, percebi divergências de alguns livros da literatura paraense sobre o tempo de circulação do periódico, o que vai ser esclarecido no desenvolvimento do trabalho. Selecionei, então quatro (04) exemplares de 1939 por abordar assuntos variados e de importância social, econômica, histórica e, sobretudo literária, reunindo material suficiente para uma dissertação de mestrado. O estudo completo será estendido em pesquisas posteriores.

O terceiro passo foi observar as ocorrências literárias, realizando o levantamento do autor, do gênero e dos títulos das obras publicadas.

De posse desse material, aprofundi o trabalho fazendo uma retrospectiva do gênero revista, sobre os seguintes aspectos: o verbete (revista), a História da revista no mundo, no Brasil e no Pará, compondo assim, o primeiro capítulo.

O segundo capítulo, intitulado **A origem da revista A Semana**, foi um dos mais difíceis de compor, pois não havia no acervo, no qual pesquisei, nenhum exemplar do ano de 1919, época que iniciou a revista. De forma que recorri a livros da literatura paraense, a jornais, a historiadores, à Academia Paraense de Letras, à Internert, Enciclopédias e a própria revista *A Semana* (edições anteriores e posteriores a 1939). Esse capítulo contempla o estudo dos principais aspectos econômicos, sociais e históricos do Pará, no começo do século XX, que irão contribuir para o leitor contextualizar as ocorrências literárias no periódico.

Acerca da importância de se estudar um periódico como documento histórico, Ana Luíza Martins, assim comenta:

A revista é gênero impresso valorizado, sobretudo por “documentar” o passado através de registro múltiplo: do textual ao iconográfico, do extratextual – reclame ou propaganda – à segmentação, do perfil de seus proprietários de seus consumidores.¹

O terceiro e último capítulo têm objetivos específicos como de reconhecer temas do periódico, distinguir os escritores que participaram no periódico e sua importância para a literatura paraense, identificar as ocorrências do regionalismo e temas modernistas.

¹ MARTINS, Ana Luíza. *Revista em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922)*, 2001, p.21

2 PANORAMA DO GÊNERO REVISTA NO OCIDENTE, NO BRASIL E NO PARÁ

2.1 O VOCÁBULO RE(VISTA)

A tentativa de se conceituar a palavra *revista* vem de décadas. O estudo etimológico nos mostra que o conceito varia de acordo com a língua de cada povo e com o tempo.

O termo *revista* é derivado da palavra *review* – vocábulo de língua inglesa que significa revisão, exame - foi usado pela primeira vez em 1705, segundo o dicionário *Le Robert*, mas que hoje se divulga como *publicação periódica, mais ou menos especializada, geralmente mensal, que contém ensaios, contos, artigos científicos etc. Apresentando como sinônimos seus correlatos: magazines, hebdomadários, anais e boletins.*²

Historicamente o uso do termo *hebdomadário* surgiu em 1758, por Voltaire, caracterizando-se como publicações semanais; já, o vocábulo *magazine*, derivado do francês, que por sua vez vem do árabe MAHAZIN, surgiu em 1776 como significado de depósito de mercadorias a serem vendidas, bazar. Isso, infere-nos a um outro conceito que a revista é um depósito de informações de conteúdo diversificado, editado semanal, quinzenal, mensal, bimestral e até mesmo anual.

O vocábulo *revista*, no dicionário contemporâneo de língua portuguesa informa o seguinte:

Revista 1 [Dev. de revistar] S.f. 1. Ato ou efeito de revistar. 2. Inspeção de militares em formatura. 3. Teat. Peça com quadros de música e dança, com anedotas, alegorias, esquetes, etc., na qual se criticam os fatos mais em evidência da época; teatro-revista. 4. Bras. Jur. Recurso judicial para as câmaras cíveis reunidas dos tribunais de justiça, contra decisões divergentes das câmaras ou dos tribunais, entre si, quanto à maneira de interpretar o direito em tese.

Revista 2 ;[Trad. Do ingl. Review] S.f. Publicação periódica em que se divulgam artigos originais, reportagens, etc., sobre vários temas, ou, ainda, em que se divulgam, condensados, trabalhos sobre assuntos variados já aparecidos em livros e noutras publicações.³

² MARTINS, Ana Luísa. *Revista em Revista. Imprensa e Práticas em Tempos de República*, São Paulo (1891-1922).p. 45.apud.Paulo Robert, dictionnaire, op. Cit, VIII, p.390.

³ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, 1986, p.1506.

Diante desses conceitos, pode-se afirmar que o vocábulo é polissêmico e assume um conceito de acordo com o contexto. Mas, ao decompor a palavra (re+vista) teremos um prefixo latino (re) que significa repetição e a forma substantivada do adjetivo visto. Com todos esses dados do conceito faz-se uma re(leitura), um re(olhar), um re(ver), não só de textos, mas de imagens e de formas.

Diante do exposto, observa-se que se trata de um objeto difícil de ser definido como gênero impresso, mesmo porque a revista, por muito tempo, confundia-se com o jornal, quando teve sua origem. Portanto, o que os tornava semelhantes eram, principalmente, as folhas soltas - *in folio* – e até mesmo sessões similares. Mas, com o tempo, esse gênero foi aprimorando seu *design*, assumindo características próprias, a começar pela capa o que o diferencia de imediato do jornal; *mais do que isso, é a formulação de seu programa de revista, divulgando no artigo de fundo que esclarece o propósito e as características da publicação.*⁴

Dessa forma, percebe-se então que cada revista possui características próprias, decorrentes de inúmeros motivos e assuntos: geográfico, histórico, político, científico, literário e outros. Daí a importância de estudar os periódicos do passado, pois neles há registros de produções textuais, produções de imagens, que podem ajudar a compor a história de um povo.

2.2 A TRAJETÓRIA DO GÊNERO REVISTA NO OCIDENTE

No final do séc. XVII as revistas, sobretudo na Europa, foram instrumentos essenciais da atividade literária, da difusão da cultura, das artes em geral e das novas correntes de pensamento, e, em alguns momentos a fundação de uma revista significou a formação de um movimento literário.

A revista, apesar de ter sua origem no jornal, sofreu influências de outros gêneros tais como: panfletos, baladas, folhetos, livros de contos populares e almanaques. Mas, na história do jornalismo, o aparecimento do gênero revista deu-

⁴ MARTINS, Ana Luísa. *Revista em Revista. Imprensa e Práticas em Tempos de República, São Paulo (1891-1922)*, p. 46.

se em decorrência das exigências do público, pois o jornal se tornava um veículo cada vez mais veloz de publicação de notícias e isso fortaleceram a necessidade de publicação de periódicos, menos sujeitos a esse tipo de ocorrência e mais adequados para a reflexão de diferentes aspectos da vida cultural, bem como de interesses específicos. A partir de 1646 têm-se registros – na imprensa – de notícias de livros, acompanhados de algumas notas críticas, constituindo, ao que parece, os verdadeiros precursores das revistas literárias.

Pesquisas apontam que foi a Alemanha e a Itália que editaram os primeiros periódicos em forma de jornal:

Ao final do século XVI registra-se a primeira publicação *semestral*, em Colônia, por iniciativa do austríaco Michel Von Aitizing, vendida na Feira de Frankfurt; em 1597, o imperador Rodolfo II lança edições *mensais* noticiando feitos políticos, bélicos e cortesões, fora do Sacro Império; em 1609, em Estrasburgo e Augsburg, é lançada a gazeta *semanal*, a partir da qual proliferaram edições *hebdomadárias* por toda a Europa; consta ser o *Rischszeitung*, publicado em Viena, em 1620, o primeiro diário circular.⁵

Os primeiros periódicos reuniam material de assuntos específicos. Uma das primeiras publicações foi de origem alemã *Erbauliche Monats-Unterredungen* (*Discussões mensalmente edificantes*), de Johann Rist⁶, entre os anos de 1663 a 1668.

Depois, surgiram outras revistas de caráter erudito. Na França, o *Journal de Sçavants*, posteriormente, *Journal des Savants*, fundado em Paris, em 1665. Esse periódico visava à publicação de sumários das principais obras da época. Em 1668, na Itália, editou-se o *Giornale de' letterati*. A partir de 1670 publicaram-se os primeiros periódicos voltados para o entretenimento, e, dois anos depois, em 1672, foi editado, na França, o *Le Mercure Galant*, que divulgava boatos e fatos da vida particular dos escritores da época, tal qual ocorre hoje, com personalidades do meio literário e artístico, circulando naquele país por mais de um século, até 1799.

⁵ idem. Apud. CIMORRA, Clemente, *História Del Peiodismo*, Buenos Aires, Atlântida, 1946, p.14-18.

⁶Johann Rist (1607-1667). Poeta alemão, nascido em Hamburgo, destacou-se por seus cânticos sacros e dramáticos. Sua obra é fonte de informação sobre a Europa da época da Guerra dos Trinta Anos.

No século XVIII, Joseph Addison⁷ e Richard Steele⁸ publicaram *The Tatler* (1709 a 1711), semanário que circulava três vezes por semana, publicando artigos que tinham a intenção de difundir o classicismo principiante na Grã-Bretanha, sem desvaler a literatura nacional de Shakespeare e de Milton.

Depois do sucesso de *The Tatler*, Addison e Steele foram editados os periódicos: *The Spectator* (1711-1712) e *The Guardian* (1713), ambos de caráter moralizante, influenciando o sentimentalismo pré-romântico, da moral burguesa e do realismo novelístico. Já, em 1731, foi lançada *The Gentleman's Magazine*, uma coleção de ensaios e artigos que incluíam informes parlamentares.

Enquanto isso, nos Estados Unidos, o gênero revista não teve a mesma repercussão que na Europa, pois o primeiro periódico publicado, *American Magazine*, no ano de 1741, teve somente três meses de periodicidade. A popularização do gênero só aconteceu depois da guerra civil americana (1861-1865), com o lançamento de *McClure's Magazine* (1893), com o custo de 15 centavos, quando o preço de mercado girava em torno de 25 ou 35 centavos.

No final do século XVIII, na Europa, revistas especializadas começaram a ser lançadas, sobre vários assuntos, como arqueologia, botânica ou filosofia. As revistas consolidaram-se, então, como veículo de difusão não só de fatos, mas também de idéias.

Já, no início do século XIX a existência de um público diferenciado que exigiu renovação do gênero que atendesse esse “novo” leitor, surgindo, então, outros tipos de revistas para o entretenimento e o lazer, sobretudo, o feminino. A exemplo disso têm-se as revistas britânicas *Household Words* (1850), *Boy's Own Paper* (1879) e *Girl's Own Paper* (1880), essas duas últimas para crianças.

Além de preços baixos, outros fatores contribuíram para o sucesso do veículo: as matérias dirigidas ao público mais popular e o avanço tecnológico, o qual

⁷ Joseph Addison (1672-1719). Escritor e político inglês. Fez parte do grupo político *Whigs* e foi secretário de Estado em 1717. Fundou com Richard Steele, além da Revista *The Tatler*, a revista *The Spectator*.

⁸ Richard Steele (1672-1729). Escritor, jornalista e dramaturgo britânico. Um dos precursores do jornalismo literário moderno.

desenvolveu métodos de produção em massa e processos de fotogravura para ilustrar as revistas, dando um melhor acabamento aos exemplares, conseqüentemente atraindo mais leitores:

Com os novos recursos técnicos introduzidos pela indústria fotográfica européia e norte-americana na década de 1850 e com o decorrente advento da *carte-de-visite*, os custos de produção para o fotógrafo baixaram e os preços para o cliente se tornaram acessíveis.⁹

No final do século XIX e início do século XX, as revistas femininas multiplicaram-se e, nesse período, os Estados Unidos sagram-se como um dos pioneiros a divulgar revistas desse gênero, como *Harper's Bazar* (1867), *Vogue* (1892), *Harper's Bazaar* (1929). Mas, apesar do sucesso das revistas femininas naquele país, coube a Inglaterra a editar o primeiro periódico feminino o *Lady's Mercury* (1693), seguido de *Ladies' Diary* (1704 a 1840).

O século XX apresenta um número variado de revistas que retratava o novo ritmo da vida moderna. As informações são mais precisas, resumidas e em maior diversidade. A primeira revista a marcar essa mudança de um novo tempo, no Continente Norte Americano, foi a revista *Time* (1923), nos Estados Unidos. A partir da qual surgiram outras revistas como, a *Business Week* (1929) e *Newsweek* (1923), sua concorrente. Na Europa, essas mudanças influenciaram o surgimento de revistas como: *L'Express* (1953), na França, *Der Spiegel* (1947), na Alemanha e *Panorama* (1962), na Itália. Na América do Sul essa influência pode ser notada em várias revistas como *Tiempo*, fundada em 1942, no México e *Primera Plana*, fundada em 1942, na Argentina.

Apesar das revistas citadas terem tido notoriedade e algumas ainda têm, merece destaque a revista americana *Life* (1936-1972), publicação semanal que fez tanto sucesso entre os leitores que chegou, em 1971, a circular aproximadamente sete milhões de exemplares. Porém, sua alta receita de publicidade não sustentou o custo e encerrou no ano seguinte, em 1972, reaparecendo como revista mensal.

⁹ KOSSOY, Boris. *Fotografia e História.*, 1989, p.74

2.3 A HISTÓRIA DA REVISTA NO BRASIL

A vinda da Família Real para o Brasil, em 1808, trouxe mudanças econômicas e culturais significativas, como: a abertura dos portos, a implantação das faculdades de Direito e Medicina, a criação do Banco do Brasil, a Criação da Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, a revogação de decretos reais que proibiam a impressão local de livros e jornais, e, entre essas e outras mudanças veio a imprensa e, com ela, a primeira manifestação periódica, o *Correio Braziliense ou Armazém Literário* (1808-1822), impresso em Londres. Apesar do *Correio Brasiliense* circular como gênero jornalístico, o estudo etimológico do aposto, *Armazém*, sugere uma revista. A esse respeito Paulo Duarte tece o seguinte comentário:

Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça[...] fundou em Londres, em junho de 1808, aquele primeiro jornal, ou melhor, aquela revista que se bateria pela Independência brasileira até o advento dela, quando desapareceu.¹⁰

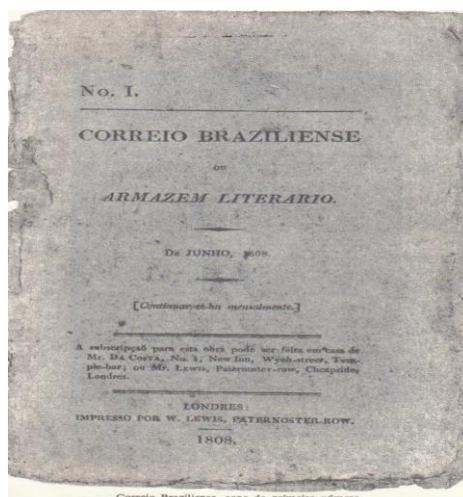


Figura 1: *Correio Brasiliense*- capa do primeiro número

O criador desse periódico, Hipólito de Mendonça que vivia exilado em Londres por questões políticas, defendia a união do Brasil com Portugal e, foi um dos construtores da ideologia do Império Brasileiro. Sob sua direção O *Correio Brasiliense* circulou mensalmente, num total de 175 números, de 96 a 150 páginas,

¹⁰ MARTINS, Ana Luísa. *Revista em Revista. Imprensa e Práticas em Tempos de República*, São Paulo (1891-1922).Apud. Paulo Duarte, *História da Implantação da Imprensa no Brasil*, Imprensa de São Paulo, ECA, 1972, p.3-4. Grifo Nosso.

num formato de *in octavo*¹¹. As condições favoreciam o sucesso do gênero, pois não havia concorrência competitiva e nem censura, no entanto durou apenas 12 anos, pois, segundo o próprio Hipólito da Costa, o custo do jornal, era alto. Tal medida estimulou algumas declarações sobre a conduta do criador desse periódico e também sobre a forma de sustentação do impresso:

(...) Hipólito da Costa também é apontado como introdutor do mau uso de “fontes invisíveis”, isto é, empréstimos suspeitos, chantagens editoriais, alternativas através das quais se explicaria, ao longo dos anos, a sobrevivência de muitos periódicos, confirmando, cada vez mais, a força do quinto poder .

Vale lembrar que, naquele momento, dada a existência da publicidade mercantil, a manutenção do jornal dependia apenas da renda de assinaturas; embora seu proprietário fosse empreendedor de largas relações arrecadar fundos necessários para seu negócio, é sabido que o número de assinaturas que amealhou, num total de seiscentas, não justificava economicamente o empreendimento.¹²

Apesar do primeiro “jornal-revista” ter sido editado em Londres, coube a São Paulo a edição da primeira revista do Brasil, em 1833, a *Revista da Sociedade Filomática*, criada por acadêmicos de Direito, bem à moda européia. Os objetivos do gênero propunham *criar um pequeno centro de luzes dispersas, procurar dessa maneira meios para seu adiantamento individual e incitar capacidades a reunirem-se para proveito geral*.¹³ Era uma revista autônoma, surgida após a agitação política que resultaria na Independência, isso explica o forte cunho político e nacionalista impetrado em seus artigos.

Nos anos seguintes, do século XIX, surgiram as seguintes revistas *Niterói*, *Revista Brasileira*, *Ciências, Letras e Artes* (1836), *Minerva Brasiliense* (1843-1845), *Guanabara* (1851-1855) e *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (1838).

O periódico *Niterói* foi editado em Paris e apesar de circular apenas dois exemplares, configurou-se como veículo dos ideais da escola romântica, a começar pelos seus redatores-editores Gonçalves de Magalhães e Manuel Araújo Porto

¹¹ MARTINS, Ana Luísa. *Revista em Revista. Imprensa e Práticas em Tempos de República*, São Paulo (1891-1922). P.48. Apud. Carlos Rizzini. *O Livro, o Jornal e a Tipografia no Brasil*. op.cit., pp.345-347; Wilson Martins, *A Palavra Escrita*, São Paulo, Anhembi, 1957, pp. 352-353.

¹² MARTINS, Ana Luísa. *Revista em Revista. Imprensa e Práticas em Tempos de República*, São Paulo (1891-1922), p.48

¹³ Ibidem, p.58

Alegre, divulgadores do Romantismo no Brasil. A revista trazia como epígrafe “*Tudo pelo Brasil e para o Brasil*”. Não é por acaso que sua publicação, em Paris, coincidiu com o lançamento de *Suspiros Poéticos e Saudades*, de Gonçalves de Magalhães, texto que marca o início do Romantismo brasileiro.

A revista *Guanabara*, de periodicidade mensal, funcionou sob a direção de Joaquim Norberto de Sousa, Manuel Araújo Porto Alegre, Antonio Gonçalves Dias, Joaquim Manoel de Macedo entre outros e localizava-se na rua São José , nº 45, na cidade do Rio de Janeiro. Essa revista teve origem do jornal *Minerva Brasiliense* e, este, por sua vez, publicava artigos sobre política, ciências e literatura. Em 1838, dois anos mais tarde, da primeira edição de *Guanabara*, surgiu a *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro* (IHGB), que tinha como objetivo a produção de estudos sobre aspectos variados da realidade brasileira. Participavam desse periódico, personalidades da literatura nacional, entre outros J. M. Pereira da Silva e Joaquim Manoel de Macedo.

A *Revue Brésilienne* foi outra revista que circulou no início século XIX (1839), editado em língua francesa, para um público seletivo de brasileiros que falavam o referido idioma e para parte de um público estrangeiro elitista.

Outra revista de grande importância para a época foi a *Revista Brasileira*, publicada em 1879, de circulação quinzenal, fundada no Rio de Janeiro, aos moldes de “Belle Époque”, fundada pelo escritor Martinho Carlos Arruda Botelho.¹⁴ Coube a essa revista publicar em primeira mão capítulos do romance “A Ilustre Casa de Ramires”, de Eça de Queiroz. Esse periódico apresentou recursos novos na imprensa, como a diversificação de imagens, textos de jornais e técnicas de publicidade. Faziam parte da redação do periódico Carlos Carneiro de Campos¹⁵, Francisco Bernardino Ribeiro¹⁶ e José Ignácio Silveira da Motta¹⁷.

¹⁴ Martinho Carlos de Arruda Botelho (1867-1916). Filho do oligarca Antonio Carlos Arruda Botelho (Conde do Pinhal). Em Paris dedicou-se à vanguarda do periodismo, criando sua própria revista.

¹⁵ Carlos Carneiro de Campos (1805-1878). Nasceu na Bahia, serviu no Batalhão de D. Pedro I. Viaja para Paris e lá cursa a faculdade de Direito, formando-se em 1827. Depois volta para o Brasil e, em Minas Gerais ocupa cargos políticos importantes.

¹⁶ Francisco Bernardino Ribeiro (1835-1857) lente da faculdade de Direito. Foi redator da folha política. A voz Paulistana e envolve-se com a *Filomática*.

¹⁷ José Ignácio Silveira da Motta. (1807-1893) Filho de desembargador. Cursou a faculdade de Direito e fundou *O Federalista* e *Sociedade Filomática*. Como político foi senador do Império e deputado em várias legislaturas.

Entre outras revistas importantes que circularam nessa época cita-se a *Revista Brasileira*, de circulação quinzenal editada em três fases: de 1857 a 1860; de 1879 a 1881; e de 1895 a 1898. Nesse periódico, publicaram-se importantes trabalhos de Sílvio Romero, Araripe Júnior e José Veríssimo, críticos que se tornariam célebres para a História da Literatura Brasileira. Na segunda fase colaboraram autores como Machado de Assis, que nela começou a publicar, em 1880, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.¹⁸

Em 1860 é lançada a primeira revista ilustrada brasileira, a *Semana Ilustrada* com oito páginas, sendo quatro de ilustração e quatro de texto. Eram seus colaboradores Machado de Assis, Joaquim Nabuco e Quintino Bocaiúva.

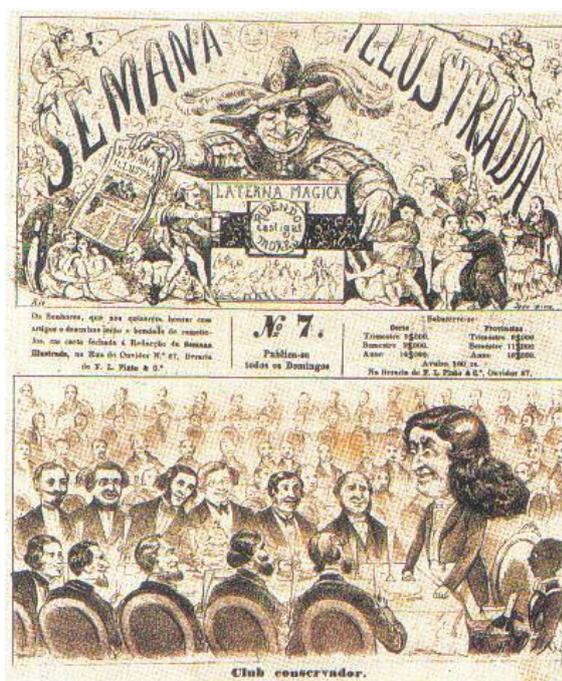


Figura 2: Revista *Semana Ilustrada*. Capa da sétima edição

Outro periódico importante no período foi a *Revista Ilustrada*, publicada entre 1876 e 1891, de forte atuação política, principalmente em relação aos ideais escravocratas e republicanos. Sua edição era semanal apresentando oito páginas, sendo quatro tipografadas e quatro litografadas. Essa revista foi fundada por Ângelo Agostini, principal colaborador e ilustrador. Vale ressaltar que, nessa época escritores brasileiros influenciados pelas idéias científicas e filosóficas do Realismo

¹⁸ BARSA. Enciclopédia Britânica do Brasil Publicações LTDA, v.13 p.325.

– Naturalismo da Europa tiveram papéis importantes nos movimentos políticos que marcaram as transformações ocorridas no país.

O final do século XIX e o começo do século XX foi um momento para a divulgação de periódicos. Nesse período o acabamento de revistas estava cada vez melhor, principalmente pelo desenvolvimento da arte gráfica, quando as ilustrações ganhavam espaço.

Enquanto na Europa o século XX inicia-se com a euforia resultante dos avanços tecnológicos, como a luz elétrica, o telefone e o automóvel, no Brasil, a república recentemente proclamada procurava se firmar: a mão-de-obra escrava passara para o emigrante, vilarejos transformavam-se em cidades, criavam-se empregos para a classe média. O Brasil, tal qual hoje, mostrava grandes contrastes sociais: enquanto os burgueses freqüentavam teatro e cinema, discutiam lançamentos artísticos e culturais, as pessoas de menor poder aquisitivo, a maioria analfabeta, ficavam ao acaso, sem acesso aos bens que o capitalismo proporciona. Nesse panorama surgem revistas comprometidas com as causas sociais, políticas e outras apenas para o entretenimento e lazer.

Sob a influência francesa foi editada, entre 1901-1902, a *Ilustração Brasileira* reaparecendo em 1909 em tiragem quinzenal. Ainda, em 1901 surgiu a *Revista da Semana*, de caráter popular, escrita para homens e mulheres à moda parisiense e à moda Nova-iorquina. No ano seguinte – 1902 – Crispim do Amaral publicou *O Malho*, que satirizava sobretudo os aspectos políticos daquela época. Entre seus colaboradores estavam desenhistas e caricaturistas como J.Carlos, Ângelo Agostini¹⁹ e Max Yantok. Esse periódico de tom humorístico teve sua edição interrompida pela revolução de 1930, por conta de um incêndio, voltando a circular em 1935, assumindo um tom notadamente literário. Surgiu também, no começo do século XX, a revista *Kósmos* (1904-1906), a qual teve colaboração de Artur Azevedo, Olavo Bilac, Coelho Neto, Capistrano de Abreu e Euclides da Cunha. Além de participação de baluartes da literatura brasileira, essa revista teve destaque pela excelente qualidade gráfica.

¹⁹ Ângelo Agostini (1843-1910). Desenhista nascido na Itália, naturalizado brasileiro. Simpatizante dos ideais abolicionista e republicano. Retratou através de caricaturas a história da política brasileira. Fundou a *Revista Ilustrada*.

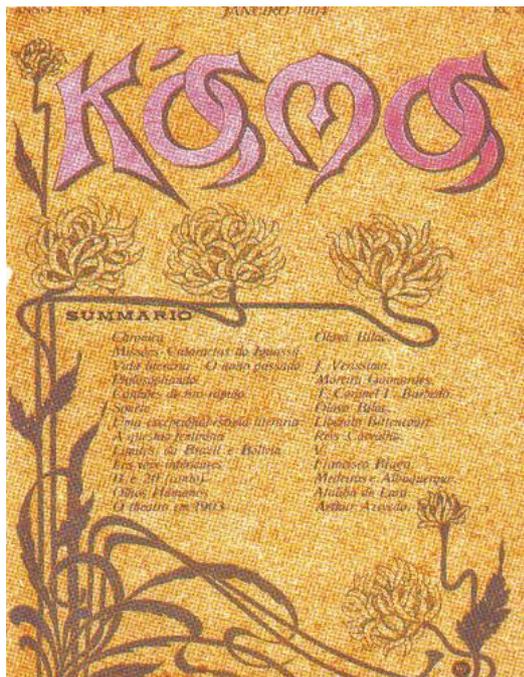


Figura 3: Revista *Kósmos*. Capa do primeiro número

No começo do século XX, embora a literatura apontasse para novos rumos, ainda tínhamos resíduos de um passado simbolista perpassado em periódicos, como no caso de duas revistas: a *Fon-Fon* (1907-1958) e *Careta* (1908). O nome *Fon-Fon* era uma onomatopéia do barulho produzido pelas buzinas dos automóveis, e essa revista retratava, entre outros aspectos, os costumes e notícias da sociedade, principalmente do Rio de Janeiro, onde foi publicada até agosto de 1958.



Figura 4: Capa da revista *Fon-Fon*, de 17/03/1917.

Já a revista *Careta* fundada por Jorge Schmidt, seguia uma linha humorística, mas com primoroso padrão gráfico e editorial. Colaboravam com a revista os chargistas Raul e J. Carlos.

O ano de 1922, teve particular importância para a Literatura Brasileira. Em São Paulo organiza-se a Semana de Arte Moderna, nas noites de 13, 15 e 17 de fevereiro, no Teatro Municipal. Na ocasião, vários artistas mostravam suas obras com linguagem nova, afinada com as correntes do movimento de vanguarda européia, repudiando principalmente o passado apegado a regras e a modelos. Foi nesse clima de rompimento com o tradicionalismo em que apareceram com caráter documental revistas como: *Klaxon* (São Paulo), *Estética* (Rio de Janeiro), *Festa* (Rio de Janeiro), *Terra Roxa e Outras Terras* (São Paulo), *Verde* (Cataguazes, Minas Gerais), *Revista de Antropofagia* (São Paulo) e *A Revista* (Belo Horizonte).

A revista *Klaxon* (1922-1923), circulou em nove edições e foi a pioneira desse movimento modernista, publicando crônicas, anúncios, poemas. O editorial de seu primeiro número afirmava: *Klaxon não é futurista. Klaxon é klaxista*. Vale ressaltar que o nome Klaxon refere-se à buzina externa dos carros da época. Colaboravam para a revista, entre outros, Mário de Andrade, Guilherme de Almeida, Manuel Bandeira.

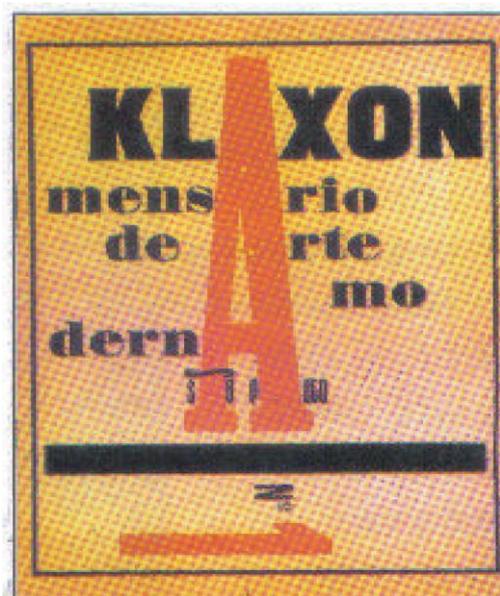


Figura 5: Capa do primeiro número da Revista *Klaxon*

Em setembro de 1924 a março de 1925 circularam três números da revista *Estética*, que entre outros assuntos divulgou o Modernismo no Rio de Janeiro e pregava o nacionalismo estético. Dirigida por Sérgio Buarque de Holanda, teve como colaboradores Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Graça Aranha, Carlos Drummond de Andrade.

No ano de 1926, em São Paulo, surge *Terra Roxa e Outras Terras*, editada em 7 (sete) números, seguindo a mesma tendência da revista *Klaxon*, mas com novos colaboradores, como Antônio de Alcântara Machado, Sérgio Buarque de Holanda, Prudente de Moraes Neto.

Outro periódico que divulgava os ideais modernistas foi *A Revista* (1925-1926), com apenas três números editados, sendo a primeira publicação modernista de Minas Gerais. Colaborou com a revista entre outros Carlos Drummond de Andrade. Vale ressaltar que Minas Gerais, nessa época sobressaiu-se na produção do gênero, chegando a editar quatro revistas, passando à frente de São Paulo e Rio de Janeiro. Além da *Revista*, surgiu em Minas Gerais a revista *Verde*, em 1927 na cidade de Guataguases, tendo como colaboradores: Rosário Fuscós, Martins Mendes, Enrique de Resende, Ribeiro Couto, José Américo de Almeida, entre outros.

Festa foi outra revista que surgiu na década de 20, circulando em duas fases, a primeira entre agosto de 1927 e a segunda entre 1934 e 1935. Na primeira fase, seguida do nome *A Festa* vinha o título *Mensário de Pensamento e Arte*. Na segunda fase passou a ser editada com o título *A Festa Revista de Arte e Pensamento*, da qual participavam como redatores Andrade Muruci, Basílio Itiberê e Tasso Silveira e entre os colaboradores têm-se nomes importantes da literatura nacional como: Cecília Meireles, Murilo Araújo, Silveira Filho Porfírio Soares Neto. Essa revista se caracterizou por apresentar uma tendência espiritualista, valorizando a herança simbolista, rejeitando as idéias modernistas.



Figura 6: Capa da revista *FESTA*

No ano seguinte publica-se em São Paulo, em duas (02) fases (ou “dentições”, na fala dos antropófagos) a *Revista Antropofagia*: a primeira, de maio de 1928 a fevereiro de 1929 e, a segunda, de março a agosto de 1929, totalizando 26 edições. A direção do periódico esteve sob responsabilidade de Antônio de Alcântara Machado e a gerência de Raul Bopp. Seus colaboradores defendiam a brasilidade em todos os setores do país, criticavam a sociedade, a cultura e a história brasileira, de influência estrangeira.

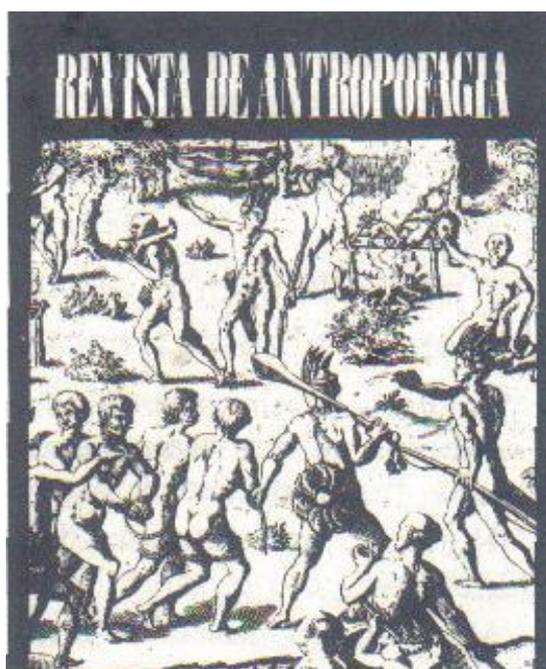


Figura 7: Página de rosto da reedição fac-similar da *Revista Antropofagia*

Ainda em 1928 foi fundada *O Cruzeiro*, que mais tarde se incorpora ao grupo de Diários Associados de Chateaubriand. Essa revista atingiu a tiragem de 700.000 mil exemplares, nas décadas de 1940 a 1950. Nela, o repórter David Nasser²⁰ e o fotógrafo Jean Manzon²¹ lançaram no país um estilo diferente de fazer jornalismo, com a associação de grandes reportagens a ensaios fotográficos²² O sucesso desse periódico se deu, sobretudo, por apresentar diversidade de assuntos como charges, política, culinária e moda, atendendo anseios do público leitor.

O ano de 1945 é marcado por acontecimentos históricos importantes para o mundo e para o Brasil: o fim da Segunda Guerra Mundial, o fim da ditadura de Getúlio Vargas e início da redemocratização brasileira. A literatura brasileira não fica a parte desse novo momento: a prosa aprofunda a linha intimista, a introspectiva, já abordada pelos escritores na década de 30, destacando-se Clarice Lispector. Já, na poesia surgiu uma geração de poetas que se opõe às conquistas e inovações de 1922. Essa nova proposta foi defendida na revista *Orfeu* (1947).

Nas décadas de 50 e 60, revistas como *O Malho*, *Fon-Fon*, *Revista da Semana* e *Careta* desapareceram e surgiram outras que circulam até hoje como: *Manchete* (1952) e *Veja* (1966). Também surgem outros tipos de revistas, marcando o momento das fotonovelas, como *Capricho* (1952), *Sétimo Céu* (1957) e *Contigo* (1963).

Merece destaque na década de 60 a revista *Realidade* (1966-1968), de publicação mensal, editada em pleno regime de Ditadura Militar divulgando os mais variados assuntos como: política, sexo, ciência entre outros. Dois exemplares chamaram a atenção do público leitor: o primeiro por ser dirigido à juventude e o

²⁰ David Nasser (1917-1980). Paulista, filho de libaneses. Quando adolescente foi com a família para o Rio de Janeiro. Teve meningite, o que deixou seqüelas. Mas isso não apagou seu talento de escritor, compositor e principalmente repórter. Ainda no Rio de Janeiro concorreu com Nelson Rodrigues escrevendo em folhetins. Foi ativista e membro de diretoria de órgãos de defesa dos direitos autorais: União Brasileira de Compositores (UBC) e Serviço de Defesa do Direito Autoral (SDDA). Ficou conhecido pelos artigos polêmicos publicados na revista *Cruzeiro*. Fez parceria com o fotógrafo Manzon. Como compositor deixou-nos muitas obras entre elas *Nega do cabelo duro* (1942) e *Confete* (1952)

²¹ Jean Manzon (1915-1990) Francês, radicado no Brasil. Trabalhou para as revistas *Paris Match*, *Vu* e *Paris Soir*. Em 1940, muda-se para o Rio de Janeiro. Contribuiu com seus ensaios fotográficos para o Departamento de Imprensa e Propaganda do governo de Getúlio Vargas e também para revista *O Cruzeiro* nas décadas de 40 e 50. A partir de 1952, dirige e produz mais de 900 documentários.

²² BARSA. Enciclopédia Britânica do Brasil Publicações Ltda., v.13 p.325

segundo, por trazer reportagens sobre a mulher brasileira, este último confiscado pela censura, pois segundo esta, tratava-se de material pornográfico.

A década de 70 foi época de firmação e nascimento de outras revistas, marcando um momento em que os assuntos eram mais direcionados para o público feminino, como as revistas *Manequim* (1959), *Cláudia* (1961), *Desfile* (1968), *Nova* (1972).

Ainda na década de 70, edita-se em 1975 a revista *Escrita*, editada mensalmente, mas com interrupções em suas publicações. Essa revista se destaca das demais porque suas matérias, em sua maioria, são de cunho literário dando ênfase a poemas e a ficções. Sem contudo deixar de publicar, como fizeram outras revistas, resenhas, ensaios cartas dos leitores, correspondências literárias entre outros assuntos. Assim a revista *Escrita* apresentou ao longo de sua trajetória 03 (três) fases: a 1ª fase de 1975 a 1978, em que apresenta-se como *Escrita – revista mensal de literatura*, em 1977 são acrescentados dois desdobramentos: *Escrita/Livro* e *Escrita/Ensaio*; a 2ª fase de 1979 a 1983, em que a revista reaparece no formato de livro com o nome de *Escrita – revista de literatura* e a 3ª fase – 1986 – retoma o primeiro nome, *Escrita – revista mensal de literatura*, com o objetivo de manter-se no mercado.

Nas décadas de 80 e 90 surgiram outros periódicos de assuntos variados: entre eles os de iniciação científica como *Ciência Hoje* (1982), *Superinteressante* (1987) e *Globo Ciência* (1990). Além desses começaram a circular mensalmente revistas de status internacional, como *Elle* (1988) e *Marie Claire* (1992).

No final do século XX e no início da nova era em que circulam muitas revistas de fofocas e de outros assuntos, quatro revistas literárias merecem referência: *Cult* (1997), *Bravo* (1997), *Continente Multicultural* (2000), e *Entre Livros* (2005). A primeira de circulação mensal, traz seções fixas como: *Notas*, (congressos, concursos), *Entrevista*, (de personalidade do meio cultural), *Na ponta da Língua* (questões relacionadas a língua portuguesa) e *Memória em revista* (histórias de periódicos, revistas e jornais do passado). Atualmente esse periódico tem uma tiragem de 26.000 exemplares por mês. Neste mesmo ano é publicada *Bravo* da Editora Abril, que se caracteriza por apresentar matérias das artes plásticas em geral

como a pintura, a escultura, a gravura, a fotografia além de literatura e outras manifestações culturais. Já a revista *Continente Multicultural*, de publicação mensal editada pela CEPE, lançada em 2000 propõe-se a abordar temas relacionados aos diversos campos culturais como a Literatura, as Artes Plásticas, o Teatro, o Folclore entre outros. Em 2005 surge no mercado a revista *Entre Livros* (2005), também de circulação mensal, de fácil acesso e de baixo custo, é voltada, principalmente, para o leitor universitário que quer se manter informado. Sobre assunto Márcia Abreu e Nelson Schpochnik explanam:

(...) o papel fundamental que hoje as revistas universitárias representam, não só para seu público alvo – os estudantes dos cursos superiores -, mas para profissionais dos mais diversos ramos. Trata-se de uma fonte que requer cuidados, mas que devidamente trabalhada, ilumina o passado, constrói conhecimento projeta a história e a memória do País.²³

Toda essa trajetória feita do gênero revista – da sua origem aos dias atuais - ampliou-se, devido, sobretudo, as novas tecnologias e as novas estratégias de mercado. Dentre essas tecnologias e estratégias tem-se a Internet, na qual as revistas encontram-se on-line, facilitando o acesso de qualquer leitor para, pesquisas entretenimento e até envio de opiniões. O resultado dessa ampliação do mercado beneficia o leitor por conseguir informações mais rápidas e a revista que se torna mais lida, mais divulgada, podendo ser acessada em qualquer parte do mundo e em qualquer hora.

2.4 O SURGIMENTO DA IMPRENSA E A REVISTA NO PARÁ

O Pará, embora distante dos grandes centros culturais não ficou alheio às transformações tecnológicas pelas quais a imprensa passava. A primeira tipografia paraense foi adquirida em Portugal, no ano de 1821, por Domingos Simone da Cunha e José Batista da Silva. Além da nova tecnologia, trouxeram os tipógrafos Luiz José Lasier (francês) e João Alvarez (espanhol) para implantar a oficina e com eles o primeiro jornal impresso no Estado *O Paraense*, de março de 1822, tendo

²³ ABREU, Márcia & SCHPOCHNIK, Nelson (org) *Cultura Letrada no Brasil: Objetos e práticas*. Campinas, SP. Mercado de Letras. Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo, SP. Fapesp.2005. p.255

como redator chefe Felipe Alberto Patroni Maciel Parente. Esse jornal circulou, sobretudo, com fins políticos, a fim de manter a união da Província do Pará com Portugal. É importante salientar que o Pará foi a última província a aderir a independência, o que ocorreu de 15 de agosto de 1823. Esse jornal deixou de circular em fevereiro de 1823.

No final do século XIX a economia paraense vive seu momento áureo devido à produção e a exportação da borracha para a Europa e os Estados Unidos. No governo de Antonio José Lemos - 1897 a 1910 - Belém, capital do Estado Paraense, moderniza-se, constroem-se entre outras benfeitorias, praças, hospitais, asilos, mercados. O projeto de urbanização é triunfante, e Belém chegou a ser uma das mais notáveis cidades da América Latina devido sua admirável vida moderna.²⁴

Nesse clima de cidade de primeiro mundo, surgem casas impressoras, como J.B dos Santos & Cia.Tavera e Serra, Pinto Barbosa & Cia, A. Loiola, Porto de Oliveira e Cia., Tavares Cardoso & Cia. editam livros de autores locais em diferentes áreas de estudo.²⁵

A implantação da imprensa, sobretudo, permitiu que o Pará participasse das modificações políticas, culturais e literárias ocorridas no Brasil, como a abolição da escravatura, a proclamação da República, ideais modernistas entre outros. A exemplo disso temos a criação da “Mina Literária” (1894-1899), chamados grupos dos mineiros. Esse grupo era formado por jovens escritores intelectuais, que se reuniam para palestrar sobre seus ideais literários e, assim incentivar o desenvolvimento da literatura na Região Norte. Essas produções literárias estão publicadas em livros, jornais e revistas do Pará e de outros Estados.

No final do século XIX e o começo do século XX a Literatura Paraense apresentou grande número de associações literárias, jornais e revistas, mas a maioria com pouca durabilidade, variando de um (01) a dois (02) anos.

²⁴ COELHO, Marilice Oliveira. *O Grupo dos Novos. Memórias Literárias de Belém do Pará*. p. 25.apud. WEINSTEIN, Bárbara. Op. cit.p.220 (ESTUDOS Histórico, 20)

²⁵Ibidem,,30

As associações pesquisadas por J. Eustáquio de Azevedo no início do século XX constam a seguir:

Grêmio Literário Fagundes Varela, surgido em 1901, tendo como órgão de comunicação *O Estímulo*, cuja epígrafe trazia versos daquele poeta: "Tu te erguerás como o cedro/ Em cuja copa se debruça a nuvem". Encerrou sua trajetória em 1903, com número 28; - *Grêmio de Letras*, 1902, cujo órgão, *A Via-Láctea*, não é citado no catálogo *Jornais Paraoras*; - *Escola Literária* Antônio Lemos, 1904, que publicou *A Letra*; - *A oficina de Letras*, que teve como órgãos *O Tupã*, de 1904, citado no catálogo *Jornais Paraoras* com o título de *Tupã*, e *O Sol*, de 1907, dirigido por Lucílio Fender e Raimundo d' Oliveira.²⁶

Os jornais que surgiram em Belém e nas demais cidades do interior foram por motivos políticos, mas com pouca durabilidade, entre os quais se destacaram : *O Verdadeiro Independente* (1824-1827), dirigido por D. Romualdo Antonio de Seixas, arcebispo da Bahia; *O Amazonense* (1832-1834), tendo como redatores os cônegos Silvestre Pereira e João Batista Gonçalves Campos; *O Sentinela*, tendo como redator Vicente Ferreira Papagaio; *Publicador Paraense* (1841), fundado por Justino Henriques da Silva; *Diário do Gram-Pará* (1853), o primeiro exemplar foi diário e as outras edições semanais. Em anexo segue a relação de 687 nomes de jornais, revistas e outras publicações periódicas que circularam no Estado do Pará entre 1822 a 1908, catalogadas por Manoel Barata na obra *Formação Histórica do Pará*.

A virada do século foi especialmente fecunda para a literatura paraense, além de jornais circularam revistas das quais segue a relação:

"O Ateneu" e "Alvorada", em 1889; "O Lábaro", em 1899; "Boêmia Literária", "O Parnaso", "O extremo Norte" e "O Boêmio", em 1901; "Pará Revista", "O Estudante" e "O Ideal", em 1903; "A Voz Literária", em 1904; "A Revista do Equador", em 1905; "O Pará Moderno", em 1906; "A Revista Acadêmica", em 1911; "A Ilustração Paraense" em 1912 - 1914); "Caraboo" e "Efemeris", em 1916; "O Ensino" bela revista dos alunos do Instituto Lauro Sodré, em 1918; "A Semana", de 1918-1940.²⁷

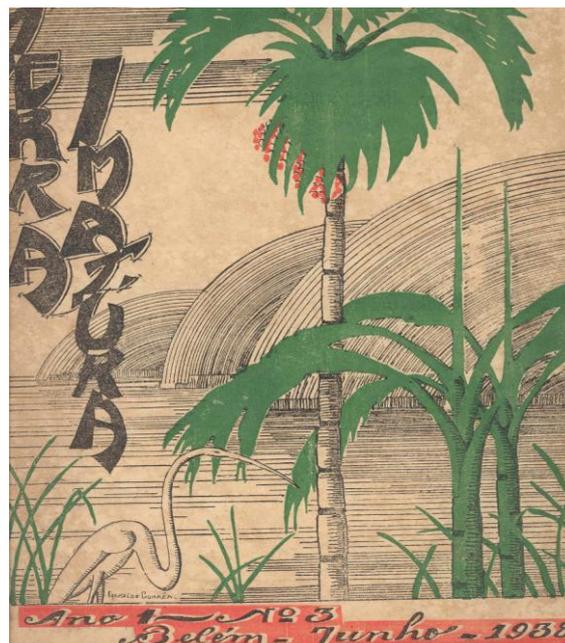
Eis capas de alguns exemplares que circularam no início do século XX:

²⁶ ILDONE, José. MEIRA, Clóvis & CASTRO, Acyr. *Introdução à Literatura no Pará*, 1990, p.173.

²⁷ *Ibidem*,.173



Figura 8: Capa da edição nº 157 de 7/1937
Guajarina



Figurara 09: Periódico nº 3 de 6/1938
Terra Madura

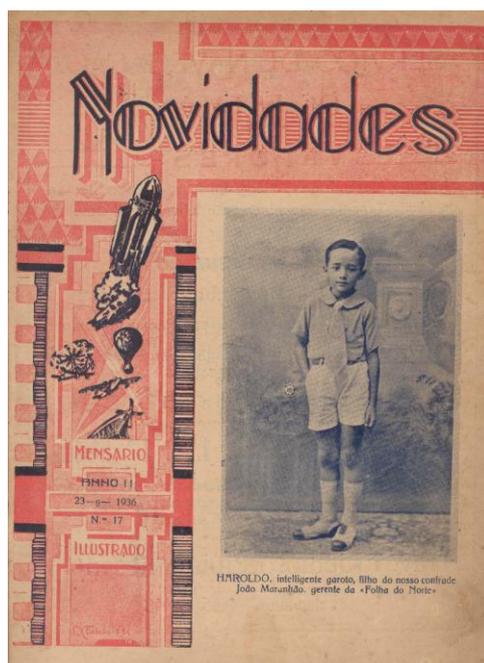


Figura 10: Capa da edição nº 17 de 23.9.1936. *Novidades*

Além dessas revistas citadas circularam no final do século XIX e no começo do século XX revistas com características de relatório como:

Revista Annual dos Julgados e Decisões do tribunal Superior de Justiça (1897-1894), *Revista da Corte de Apelação do Estado do Pará* (1937-1939) e *Revista do Tribunal Superior de Justiça do Estado do Pará* (1929).²⁸

²⁸ SANTOS, Luciana Vasconcelos. *NOVIDADE: Uma revista Paraense à serviço da literatura*. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso em Letras. Universidade Federal do Pará. p.21

Paralelamente a essas publicações circularam entre outras, as seguintes revistas: a *Revista Familiar* (1883-?), que além de divulgar assuntos literários, contemplava temas como moral educação, ciências, atualidades, política e entretenimento²⁹; *O Espelho : Periódico literário Crítico e Noticioso* (1878-?), esse periódico além de função crítica, trazia artigos de entretenimento, de atualidades e de política; *A revista Estudantina: Semanário Crítico, Artístico e Literário* (1890-?), de circulação semanal, com publicações a cerca de literatura, arte e atualidades. Esse periódico tinha a colaboração de J. Vianna, A Bahia, Virgílio Ribeiro entre outros; *A revista da Sociedade dos Estudos Paraenses* (1894-1896), fundada por Vilhena Alves.

No início do século XX além de continuarem as publicações de assuntos variados com participação de escritores da sociedade belenense, registram-se aquelas de assuntos restritos a um determinado grupo como: *A Revista do Grêmio* (1902-?), sob a direção de Armênio de Figueiredo, com propósito de divulgar temas relacionados à imprensa, à literatura e à educação e também divulgar livros relacionados à História, à Geografia, à Estatística e outros; *A Tribuna Político, Litterária, Científica e Artística* (1907), de circulação mensal, fundada por “Órgão do Club José Porphírio”, sob direção de Lindolpho Abreu. Escreviam para essa revista somente os sócios do Club José Porphírio; *A Revista Militar* (1909), de circulação mensal, fundada pelo órgão do Club Militar do Pará, da qual colaboradores eram militares; *A Revista da Faculdade Livre de Direito do Estado do*

Pará (1909) fundada pela Faculdade Livre de Direito do Estado do Pará, que além de abordar temas relacionados à área de Direito, contemplava assunto a cerca de literatura, ciências e atualidades; *A Tiro Paraense: Revista Littero-Militar* (1909), periódico do Órgão do Tiro Paraense, sob direção de Júlio Lacerda. As matérias contempladas faziam jus ao nome da revista, pois nela liam-se artigos sobre o nacionalismo, o militarismo e armas e a Sociedade de Tiro.

Ainda na primeira década do século XX merecem menção, entre outras, revistas como: *Luz* (1910-1911) que trazia artigos de cunho religioso e publicações literárias como: crônicas e poemas. Esta revista era organizada pelo “Órgão do

²⁹ Ibidem, p. 24

Centro de Letras”; *A Penna* (1914-?), revista mensal e ilustrada irigida por Ponciano Seabra e Luciano Nepomucemo.

Algumas revistas que circularam no início do século merecem um comentário mais específico, pois seus colaboradores tornaram-se, historicamente, referenciais da literatura paraense. Entre outras destacaram-se: *Caraboo*, *Efemeris*, *Guajarina*, *A Cigarra*.

O primeiro número de *Caraboo* circulou em 17 de janeiro de 1914, tendo como diretor Romeu Mariz. Essa revista de publicação mensal, ilustrada trazia entre outros artigos, textos de crônicas e poemas. Na edição de nº 24 de 08 de abril de 1916 há registro da foto dos intelectuais da Mina Literária. Entre os colaboradores da revista tem-se a participação De Campos Ribeiro³⁰. O ano que marca a primeira edição desse periódico coincide com a deflagração da Primeira Guerra Mundial e também com a fundação da “Sociedade Médico-Cirúrgica do Pará”(1914).

Em 1916, um grupo de escritores paraenses lançou a revista *Efemeris*, sob a direção de Arthur Guimarães Bastos. Esse grupo era composto por Lucidio Freitas, Tito Franco, Alves de Sousa e Djard de Mendonça – os três últimos, jornalistas, poetas e fundadores da Academia Paraense de Letras, em 1900³¹. Estudos apontam que nessa revista surgiram os primeiros sintomas de renovação literária no Brasil, antecipando *A Semana de Arte Moderna*. Sobre essa tentativa de renovação Peregrino Júnior³², citado por Georgenor Franco³³, comenta:

³⁰ De Campos Ribeiro. Maranhense. Jornalista. Foi um dos redatores do “Estado do Pará”. Membro da Acadêmia Paraense de Letras. Autor do livro “Aleluia” (1930).

³¹ ILDONE, José.MEIRA, Clóvis & CASTRO, Acyr. *Introdução à Literatura no Pará*.2ª. ed.Cejup.Belém.1990 p.225

³² Peregrino Júnior (12/03/1898 -23/10/1983). Nasceu em Natal (RVN). Em 1914, impedido de estudar, por conta de um artigo que escrevera contra o diretor da Escola Normal e professor do Ateneu, muda-se para Belém, onde terminou seu estudo secundário no Ginásio Pais de Carvalho. Trabalhou em Jornais e revistas como: *A Folha do Norte*, onde exerceu funções de suplente de revisor, de repórter de policia e de redator, *A tarde e a Rua*; em 1919 secretariou a revista *A Semana* e no mesmo ano fundou e dirigiu *Guajarina*. Em 1920 muda-se para o Rio de Janeiro, onde forma-se em Medicina. Casa-se com D. Wanda Acioly, cunhada de Ronald de Carvalho. Entre 1928 a 1938 publicou obras de ficção e de critica como: . Passou 20 anos sem publicar alguma obras literária e em 1960 retoma com “A Mata submersa”.

³³ Georgenor de Souza Franco (1919) Paraense. Jovem ingressou na *Folha do Norte*, como revisor, depois noticiarista e por último redator. Tinha uma coluna literária (Ronda Literária) dos jornais de Paulo Maranhão.Em 23/0//46 ingressou na Academia Paraense de Letras, ocupando a cadeira nº 38. Escreveu entre outras obras: *Mensagem sem endereço* (1953), *Poeira da Minha Estrada* (1942), *Ouro e Lama* (1946), *Rebeldia* (1949), *Ouro e Lama* (1956) .

Quem compulsar a coleção de Efemeris – até materialmente original. Discreta, diferente, - verá que o “grupo paraense” merecia a atenção dos críticos e dos historiadores literários do nosso tempo. Esse movimento, de resto, mostrava como as sementes do modernismo estavam soltas no ar, há longo tempo, esperando apenas condições adequadas para germinar e frutificar.

(REVISTA DA APL, N°XIII e XIV/ 1969-71).³⁴

É importante salientar que os escritores paraenses tinham contatos com a Europa considerando a produção da borracha, embora não estivesse no seu apogeu.

Guajarina, fundada em 1919, mas com períodos de paralisação. Ela tinha como diretor-proprietário Francisco Lopes e contava com a colaboração dos intelectuais da literatura paraense: Peregrino Junior, Severino Silva, Oswaldo Orico, Tito Lívio Barreiros e a partir de 1930 tem a colaboração de Bruno de Menezes, Ernani Vieira, Arnaldo Vale, De Campos Ribeiro, Adalcinda Camarão, Dalcídio Jurandir, Cecil Meira entre outros. O periódico trazia colunas como *Poesias modernistas* e o *Arquivo literário*. A primeira dedicada a produções modernistas, embora os poemas publicados fossem da estética romântica e, a segunda a produção dos iniciantes da literatura. O periódico também contemplava assuntos relacionados ao cinema, ao teatro e a rádio. Escreveu para a revista o escritor baiano Jorge Amado, por ocasião de sua visita a Belém. Essa revista circulou até o ano de 1937.

A *Cigarra* (1919-1921), periódico de publicação mensal, ilustrado, trazia conteúdos relacionados à literatura e a política paraense. Essa revista esteve sob direção de Bianor Penalber, tendo como colaboradores Dr. Inácio Moura, D. Augusto Meira, Edgar Proença e outros.

Em meios a variedades de temas houve aqueles relacionados à educação como: *A Revista do Ensino* (1911-1912); *O Ensino: Revista Mensal e de Pedagogia, Literatura, Artes e Ofícios* (1918-1919); *A Escola: Revista do Professorado do Pará* (1934-1936), sob responsabilidade da Escola Profissional do Estado.

³⁴ ILDONE, José. MEIRA, Clóvis & CASTRO, Acyr. *Introdução à Literatura no Pará*. 2ª. ed. Cejup. Belém. 1990 p.226

De 1923 a 1929 têm-se a publicação da Revista *Belém Nova*, sob a direção de Bruno de Menezes. Esse periódico de publicação quinzenal, contou com a participação dos grupos dos novos, que se reuniam em torno da revista para discutir os ideais modernistas da turma. O primeiro número dessa revista trazia, entre outros, nomes da literatura local como: Apolinário Moreira, Inácio Moura, Pereira de Castro, Peregrino Junior, Raul Bopp e Abguar Bastos. Este último autor do *Manifesto FLAMI-N'-ASSU* (A Grande Chama), que propunha uma renovação estética literária regional, pois esta ainda presa aos puristas e passadista. Porém essa proposta não vingou, como muitos outros manifestos do Brasil e da Europa.

Depois dessa importante revista circularam outras como: *O Pará Philatélico* (1933-1936) fundada pela Sociedade de Philatelia, cujo tema questão girava em torno do selo.

Outra revista de assunto específico foi *A Revista da Veterinária* (1937-1944), de distribuição gratuita, sob direção de José Hermogenes. Esse periódico trazia matérias sobre pecuária e avicultura, mas abria espaço para literatura e agricultura.

Pará Ilustrado (1938-1943), reunia matérias variadas como: moda, política, religião, educação, cinema e rádio³⁵. Colaborava nesse periódico Edgar Proença e De Campo Ribeiro e Mucio Leão.

Em 1938 edita-se a *Terra Imatura*, sob direção de Cléo Barnardo de Macambira. Esse periódico dedicava-se, sobretudo, a literatura. Nele publicavam-se poemas, contos, crônicas e também temas variados como educação e rádio.

No ano de 1938 a 1946 edita-se a revista *Quero*, sob responsabilidade do Órgão da Juventude Feminina Católica de Belém, secretariada por Maria de Belém Menezes. Saindo da capital paraense surge em Capanema (cidade do interior do Estado) *A Gleba Ilustrada* (1950), revista de circulação semanal, sob direção de Carlos Menezes. Esse periódico contava com a colaboração de nomes importantes da literatura paraense como: Otávio Mendonça, Max Martins, Edgar Proença.

³⁵ SANTOS, Luciana Vasconcelos. *NOVIDADE: Uma revista Paraense à serviço da literatura*. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso em Letras. Universidade Federal do Pará. p. 30

Em 1950 surgiu a *Revista da Academia Paraense de Letras*, com 100 páginas, tendo como presidente do conselho editorial Paulo Eleuthério, Sênior e como redatores Ernesto Cruz, Georgenor Franco, Luiz Teixeira Gomes e Paulo Eleuthério Filho. A composição e impressão dessa revista coube a oficina gráfica da *Revista da Veterinária*.

No ano de 1952 surge *Gleba*, revista de movimentação bimestral, sob a direção de Benedito Nunes, Max Martins e Orlando Costa. Esse periódico reunia temas diversos, como se pode conferir na citação abaixo:

No periódico dava-se espaço para a literatura, artes, filosofia, política e notícias em momentos específicos, temas distribuídos entre as seções de políticas, livros, teatro, cinema e notícias e comentários. (...) as colaborações vinham de vários autores como Machado Coelho, Ruy Barata e Benedito Monteiro.³⁶

Na década de 50, registra-se, na cidade de Marabá, a publicação mensal da revista *Itatocan* (1953), sob a direção de A. Bastos Morbach. Este periódico trazia, sobretudo temas relacionados à política, mas contemplava matérias sobre cinema, educação e rádio.

Outras revistas recorrentes na década de 50 foram: *Amazônia: Revista da Planície para o Brasil* (1955), tendo como diretor-secretário Georgenor Franco; *Clareira* (1956-1959), de propriedade do Órgão Oficial do Centro Juvenil de Cultura; *O Fragetan* (1957-1959), tendo como fundador e diretor Paulo Titan e diretor de honra Edgar Proença.

Nesse breve mapeamento da história do gênero revista no Pará, verificou-se a sua importância como veículo de divulgação da literatura regional e que o Pará não estava à parte dos acontecimentos que marcaram o novo rumo da literatura brasileira. A exemplo temos as revistas *Efemeris* e *Belém Nova*. E nos capítulos seguintes têm-se estudos sobre as ocorrências literárias da revista *A Semana*, constituindo mais um documento de memória da época.

³⁶ Ibidem, p. 32

3 A HISTÓRIA DA REVISTA: A SEMANA

Dos periódicos que circularam no começo do século XX, no Pará, o de maior durabilidade foi *A Semana* (1919 a 1945?)³⁷. Esta foi uma das revistas mais importantes das regiões Norte e Nordeste, com sede localizada inicialmente na Tv. 7 de Setembro, 33 - entre João Alfredo e 13 de Maio -, posteriormente funcionou na Rua João Alfredo, 40, e na Rua Dr. Assis 2 e 4 e Largo da Sé, 60-65 (1941). Ela foi o primeiro reduto dos “novos” - estudantes, jornalistas e poetas que se reuniam para discutir sobre os rumos da literatura paraense - seguido da *Belém Nova*.

O periódico gozava de uma certa autonomia, pois tinha sua própria oficina gráfica que funcionava no endereço da revista. Onde se confeccionavam também cartões de visitas, etiquetas, carteiras, rótulos, entre outros. Além da impressão de textos, tinham-se as artes gráficas de fotogravura³⁸ e zincogravura³⁹, dando sustentabilidade financeira ao periódico, como prova anúncio abaixo:

A SEMANA

GRANDES OFFICINAS GRAPHICAS

COM OS MAIS APERFEIÇADOS MACHINISMOS, MOVIDOS A ELECTRICIDADE; DISPONDO DE ENORME VARIEDADE DE MATERIAL É COMPOSTA DE PESSOAL COMPETENTE. EXECUTAM COM GOSTO, PRESTEZA E MODICIDADE, TODOS OS TRABALHOS A SI CONFIADOS

Unica casa no Pará que a custo razoavel imprime musica, preparando os selchês a gosto do freguez.

Cartões de visitas e outros, envelopes, memorandums, facturas, notas, annuncios, boletins, menus, papel para cartas, etiquetas, rótulos, carteiras, etc., etc.

JORNAL, REVISTAS, LEIS, ESTATUTOS, livros, folhetos e outros serviços.

Nenhuma outra casa poderá competir com

A SEMANA

quer em preço. Secção especial de

PHOTOGRAVURA e ZINCOGRAVURA

E de grande vantagem que ninguem mande fazer obras de genero graphico, sem primeiro visitar e consultar os preços da

«A SEMANA»

Dirrecção e propriedade de **ALCIDES SANTOS**

CASA EDITORA: PAPELARIA, TYPOGRAPHIA, PAUTAÇÃO e ENCADERNAÇÃO

CARIMBOS DE BORRACHA

Avenida do Zolho do Norte

Travessa 7 de Setembro

TELEPHONE, 272

(Entre João Alfredo e 13 de Maio)

TABELLA DE PREÇOS		ANNUNCIOS	
Capa. 1 mez.	500	Capa. 6 mezes.	5000
Capa. 3 mezes.	500	Capa. 12 mezes.	10000
1 pag. 1 mez.	500	1/2 pag. 1 mez.	1000
1 pag. 3 mezes.	500	1/2 pag. 3 mezes.	2000
1 pag. 6 mezes.	500	1/2 pag. 6 mezes.	3000
1/2 pag. 1 mez.	500	1/2 pag. 12 mezes.	4000
1/2 pag. 3 mezes.	500	1/4 pag. 1 mez.	500
		1/4 pag. 3 mezes.	1000
		1/4 pag. 6 mezes.	2000
		1/4 pag. 12 mezes.	3000
		Annuncio no texto, por vez.	50000
		Descontos: 10 oja para contracto nunca inferior a 6 mezes.	
		15 oja para contracto de um anno ou mais.	
		Pagamento: adiantadamente	

Figura 11: Propaganda de arte gráfica. Edição de 29/05/1921

O quadro acima traz mostras de clichês, cuja confecção se dava de forma artesanal e hoje com a modernidade todo esse efeito é realizado pelo computador.

³⁷ Ano provável da última publicação. Isso vai ser referendado do decorrer do trabalho.

³⁸ Fotogravura. Processo mecânico para a confecção de clichês sobre pranchas metálicas, com o objetivo de reproduzir desenhos e gravuras por meio de impressão gráfica.

³⁹ Zincogravura. Processo de gravura em zinco.

Inicialmente a revista esteve sob responsabilidade dos diretores e proprietários Manuel Lobato⁴⁰ e Alcides Santos, este último exercia cargo de diretor-gerente. A equipe que compunha o periódico era assim constituída:

Redator-chefe: Rocha Moreira, que além de poeta, foi redator da “Folha do Norte” e legou-nos sete obras: “Brocatelos”, “Pan!”, “Versos Pagãos”, “Terra do Sonho”, “Flores e Guisos” e “Maldições”, seu último livro. Ele foi um dos responsáveis pelo surgimento da Academia Paraense de Letras (1913 -1928); *Secretário:* Peregrino Júnior⁴¹, que posteriormente tornou-se membro da Academia Brasileira de Letras, em 1990.

Os primeiros exemplares firmaram-se como divulgadores de assuntos diversos: Letras, Artes, política, comércio, agricultura, esportes, cinemas, teatro e humor. A partir de 1936 os temas relacionados à política vão se estreitando, mas mantém seu propósito inicial de divulgar assuntos diversos, privilegiando o literário.

As edições mais antigas de acesso para essa pesquisa estão no acervo particular ICBS – Instituto Cultural Boanerges Sena, em Santarém – Pa – e datam respectivamente 28/5/1921, 25//08/1923 e 7/09/1929. Nessas edições a propaganda exerceu um forte papel. A edição, por exemplo, de 28/05/1921 foi editado em 36 páginas não numeradas, das quais 15 destinadas exclusivamente a propagandas e 02 intercaladas com artigos e textos. Esse exemplar não trazia o número de edição, em vista disso não foi possível verificar quantos exemplares já tinham sido publicados até aquela data. Essa edição apesar de ser entremeada de propagandas, era rica em variedades de gêneros: contos, poemas, crônicas, ensaios e até charge. Essa variedade de gêneros se confirmará em outras edições.

⁴⁰ Manuel Lobato. Engenheiro, jornalista e poeta, nasceu em 06 de junho de 1875 em Humaitá (AM). Ainda criança veio para Belém, onde concluiu seus estudos preparatórios. Depois vai para o Rio de Janeiro cursar Engenharia na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, concluindo o curso Raessalaer Politécnic Institute, em Nova York.. Participou da Mina Literária. No Rio de Janeiro, ainda como acadêmico, participou dos periódicos “Diário de Notícias”, de Belarmino Costa, sob direção de Paulino Britto e “Correio da Manhã”. No Pará, participou nas Revistas “Belém Nova” e “A Semana”, esta última fundada por ele com Alcides Santos. Foi redator e secretário no Jornal *Folha da Norte*, onde publicou crônicas, sonetos, artigos literários. É autor das seguintes obras: “Bodas de Outro”, “O Vale do Amazonas e o Problema da Borracha”, “A margem de um livro” (sobre a obra de José Veríssimo).

⁴¹ ILDONE, José.MEIRA, Clóvis & CASTRO, Acyr. *Introdução à Literatura no Pará*. 2ª ed., 1990, p.173

Nessa década a revista expandiu-se pelo interior, pois havia um ponto de venda na cidade de Santarém, na Livraria Potó, que funcionava na Rua do Comércio, nº 12, atual Lameira Bittencourt. Também nessa época já divulga-se produções literárias de outros estados como Alagoas e Recife.

A edição nº 279, de 25/08/1923 aponta algumas alterações no expediente da revista: o diretor-proprietário e redator-chefe permaneciam os mesmos (Alcides Santos e Rocha Moreira, respectivamente), porém quem passou a secretariar o periódico foi Bianor Penalber e o redator Edgar Proença.

As informações colhidas na edição de nº 604 de 7 de dezembro de 1929, registram que Edgar Proença⁴² passa de redator para secretário.

Pela ausência de exemplares não foi possível historiar o corpo técnico que compunha a revista no ano de 1930, porém no ano de 1931, a edição de nº 690 apresenta Edgar Proença como diretor e redator-chefe e a gerência sob responsabilidade de Osmarino Pingarilho. No ano seguinte há outra mudança, como diretor-gerente assume o advogado, E. Sousa Filho. Em 1935 a direção oficializa a promoção de Antonio Tavernard⁴³ como redator-chefe. No ano de 1936 a administração do periódico fica sob a responsabilidade de Misael F. Souza e em 1937 a revista é premiada na Exposição Internacional de Revistas em Cuba. No ano de 1938 o advogado. E. Sousa Filho assume como diretor-proprietário. E no ano

⁴² Edgar de Campos Proença. Nasceu em Belém a 4/2/1898. Fundador e um dos proprietários da Rádio Clube do Pará, a primeira emissora surgida no Pará e na Amazônia. Iniciou sua carreira jornalista no Jornal Folha do Norte, de Belém como repórter marítimo. Como jornalista atuou nos seguintes setores: político, esportivo, policial e social. Colaborou em algumas revistas paraenses. Também escrevia crônicas para o jornal *O Liberal*, na coluna "Flash da Cidade Morena" e para a PRC-5. Ocupou a cadeira nº 27 da Academia Paraense de Letras. Escreveu os seguintes livros: *Melodias do Coração*, *Colcha de Retalhos* e *Coração Malcriado*. Autor das seguintes peças de teatro: *Blusa de Chita*, *Estranho Mundo* e *Taça Vazia*. Foi um dos primeiros a receber a Medalha Nacional do Mérito de Radiodifusão.

⁴³ Antonio de Nazareth Frazão Tavernard. Filho de Othilio de Alencar Tavernard e Marietta Frazão Tavernard, nasceu a Vila do Pinheiro (hoje Icoaracy), em Belém no dia 10 de outubro de 1908. Aos 19 anos ganhou um concurso de contos nacionais da revista carioca *Primeira*. Aos 21 anos publica o livro de contos "Fêmea". Em 1932, em parceria com Fernando de Castro publica a comédia *A menina dos 20 000*. Colaborou com a imprensa diária e periódica como: *O Independente*, *Correio do Pará*, *O Estado do Pará*, *Diário do Estado*, *A Semana*, *Novidades*, *A Guajarina*, *Victória Régia* e *Club do Remo Revista*. Faleceu jovem no dia 02 de maio de 1936, vítima de hanseníase. Em homenagem ao redator a revista *A Semana* manteve o cargo de redator-chefe o nome de Antonio Tavernard acompanhado de uma cruz. Registro esse mantido até o ano de 1941, ano do exemplar mais recente encontrado no acervo ICBS-Insitituto Boanerges Sena – Santarém Pará.

seguinte, ainda sob sua direção quatro exemplares, destacaram-se e serão objetos de estudo no capítulo três.

Não se sabe ao certo o tempo exato de circulação dessa revista, mas segundo o escritor Raimundo Alonso Pinheiro Rocha⁴⁴, atual secretário da Academia Paraense de Letras, afirma que consta em seus arquivos uma carteira de identificação de redator dessa revista em 1945, tendo como diretor Raimundo Melo, o que contaria algumas informações contidas na *Revista em Revista no Pará* (1919-1920) e *Introdução à Literatura Paraense* (1920-1940) quanto ao tempo de circulação da revista *A Semana* segue a mostra da identidade:



Figura 12: Cópia da Identidade do redator Alonso Rocha , de 1945

Ainda para comprovar os dados fornecidos pelo escritor Raimundo Alonso Pinheiro Rocha foi realizada uma entrevista com o escritor Jurandir Ribeiro⁴⁵, que secretariou a revista naquela época e assegurou que o periódico circulou esporadicamente pelo menos até outubro de 1945, pela época do Círio de Nossa

⁴⁴ Raimundo Alonso Pinheiro Rocha. Nasceu no Pará em 15 de dezembro de 1926. Filho do poeta José Rocha Ladislau Júnior e Adalgiza Guimarães Pinheiro Rocha. Foi um dos fundadores da *Academia dos Novos*. Desde 22 de novembro de 1963 ocupa a Cadeira 32 da Academia Paraense de Letras. Como poeta conquistou prêmios como: *Vespasiano Ramos*, da Academia Paraense de Letras; *O Santa Helena Magno*, do Governo Estado do Pará; o primeiro lugar no Concurso Literário do Norte do Brasil, promovido pelo jornal *Folha do Norte*; Palma de Ouro e de Bronze no concurso *Poema do Mundo Lusíada*, na Academia Poema de Massachusetts, USA. Em 8 de outubro de 1987 foi eleito Príncipe dos Poetas Paraenses pela Academia Paraense de Letras.

⁴⁵ Jurandir Ribeiro. Nasceu em Belém em 13/03/1928. Desde cedo mostrou seus talentos como poeta e jornalista, e com apenas 18 anos ingressou na Academia Paraense de Letras (cadeira 16). Ao longo de sua carreira literária conquistou alguns prêmios como: 3º lugar em concurso nacional promovido pela revista *Leitura do Rio de Janeiro* (1958); 2º lugar no 1º Concurso Nacional de Poesia de Uberlândia-Mg (1984), Prêmio nacional *Guararapes* como o livro de poesias *Os limites do Pássaro* (1986). Mora no Rio de Janeiro há 20 anos. As informações sobre a circulação da revista ano de 1945 foi colhida em uma entrevista oral em 10/07/2006 às 12:00.

Senhora de Nazaré, pois em seu relato lembra que a capa continha fotos de transformistas vindos do Rio de Janeiro para a referida festa.

Em seus prováveis 25 (vinte e cinco) anos de circulação o periódico não sofreu muitos reajustes no que diz respeito ao custo, com exceção do ano 1939 em que o preço da assinatura anual oscilava entre 1\$000 (mil réis) e 1\$200 (mil e duzentos réis), como pode ser verificado no quadro a seguir:

ANO	Semestre	Anual	Individual	Atrasado
1921	Não há registro-	Não há registro-	Ao há registro-	Não há registro-
1923	10\$000	18\$000	-	-
1929	Não há registro-	Na há registro-	\$600	Não há registro-
1932	20\$000	38\$000	\$600	1\$000
1934	20\$000	38\$000	\$600	1\$000
1935	20\$000	38\$000	\$600	1\$000
1936	20\$000	38\$000	\$600	1\$000
1937	20\$000	38\$000	\$600	1\$000
1938	20\$000	38\$000	1\$000	1\$500
1939	20\$000	38\$000	\$800	1\$000 e 1\$200

O quadro a seguir demonstra o custo da assinatura anual de algumas revistas que circularam no Brasil no início do século XX. Nele verifica-se que o preço da revista em estudo equipara-se as dos grandes centros. Confira:

Ano	Revista	Assinatura anual	Assinatura semestral	Assinatura individual
1921	A Garoa (SP)	12\$000		
1923	Frou-Frou (RJ)	36\$000		
1937	Carioca (RJ)	29\$000	15\$000	\$500 (capital) \$600 (estados)

3.1 ASPECTOS ECONÔMICOS, HISTÓRICOS E SOCIAIS DA CAPITAL NO INÍCIO DO SÉCULO XX

No final do século XIX e início do século XX Belém vive um excelente momento econômico devido, principalmente, a produção de borracha. O comércio gomífero provocou inúmeras mudanças na capital paraense. Esta recebeu um grande número

de pessoas vindo, sobretudo, da região nordestina, que fugiam da seca provocando então, aumento da população, o que contribuiu para o surgimento de novos povoados, vilas e cidades.

A partir dessas mudanças na economia, a sociedade belenense passa a copiar hábitos da Europa como: moda, culinária, concertos, espetáculos e a introdução à música erudita entre outros. Sobre essas alterações o professor de História Anderson M. B. Cavalcante assim comenta:

O aparecimento da borracha determinou alterações acentuadas na estrutura social belenense e surge então uma classe de homens políticos e burocratas formados por nacionais; os comerciantes, basicamente portugueses, os profissionais liberais geralmente de famílias ricas e oriundos das universidades européias. Esta era a composição da elite dominante.⁴⁶

No entanto, a febre da exploração da borracha trouxe problemas de abastecimento de gêneros alimentícios, uma vez que não havia incentivo para a agricultura e para a pecuária local. A edição nº 01 da revista *Nosso Pará* faz referência a esse assunto:

Segundo o escritor José Veríssimo, vários fatores contribuíram para o fracasso da agricultura no final do século XIX. A qualidade dos solos a falta de investimento na Estrada de Ferro ligando Belém a Bragança também foi outro obstáculo difícil de ser superado (a conclusão da ferrovia somente se deu no ano de 1908, vinte e cinco anos depois de inaugurada!)⁴⁷

Segundo Hécio Amaral⁴⁸, historiador santareno, o problema de abastecimento acarretou o aparecimento de uma doença chamada beribéri, que acometia grande número de seringueiros. Essa enfermidade era devida a carência de proteínas, e para amenizar a falta de alimento, empresários da borracha mandavam buscar gado bovino na Bacia do Prata (via marítima) fazendo estações nas fazendas ribeirinhas para a recuperação do gado, outros preferiam trazer rebanhos a toque pela floresta via Acre.

⁴⁶ Hhttp://www.historiaehistoria.com.br. apud. SARGES, Maria de Nazeré. *Belém: riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912)*. Belém; Paka-tatu, 2000, p. 58

⁴⁷ UM sonho francês tropical. **Nosso Pará**, Belém, n. 01, p. 67, 1996.

⁴⁸ Hécio Amaral de Sousa. Historiador. Nasceu em Juruti em 20 de dezembro de 1940. Tem um currículo bem variado: Professor de História do Direito, Secretário do Governo da Prefeitura Municipal de Santarém (1996), Secretário Municipal e Cultura (1997-2000), Chefe de Cerimonial (2001-2004). Obra publicada com outros autores "Mosaico Amazônico" (2003).

A administração municipal de Belém, nessa época, estava a cargo de Antonio Lemos (1897-1910) que desenvolveu projetos grandiosos como iluminação elétrica, bondes ingleses e mercados populares aos moldes europeus. Em sua gestão construiu-se um dos primeiros crematórios da América Latina. Depois higienizou as ruas e construiu o Asilo da Mendicidade. Devido a pressões políticas, o prefeito abandonou o cargo (1910), mas isso não apaziguou o ego dos seus inimigos, pois no dia 29 de agosto de 1912 sob o comando do Senador Lauro Sodré uma multidão o arrastou pelas ruas e atearam fogo em algumas de suas propriedades entre as quais o prédio do jornal *A Província do Pará* (atual Instituto de Educação do Pará). Apesar de ter investido na infra-estrutura de Belém, o governo de Antonio Lemos escondia o lado obscuro da sociedade: a prostituição, a mendicância e os vendedores ambulantes, em contraste com a “Bela Época”. No interior os problemas eram enormes: o trabalhador-seringueiro se submetia ao sistema de aviamento, no qual os comerciantes forneciam mercadorias e ferramentas (as tijelinas e facões) a prazo, para o seringueiro a troco de borracha. Além disso, “aviava” armas, munições e remédios. Dessa forma, o seringueiro ficava sempre devendo as casas comerciais que fixavam o preço da borracha muito baixo.

Em 1912, o Governo Federal traça o Plano e Defesa da Borracha, o qual objetiva desenvolver o setor agrícola e industrial e melhorar as condições de trabalho, mas isso é interrompido pela Primeira Guerra Mundial (1914), quando o Brasil tem sua produção abalada, isso por que as mudas furtadas pelo botânico Henry Wickhan⁴⁹ para serem cultivadas nas colônias inglesas começaram a dar lucro. Eles vendiam duas vezes mais barato que o mercado brasileiro.

Esse crescimento urbano, não beneficiou a população paraense, pois se tem o registro que, em 1920, 60% da população não sabia ler e nem escrever, portanto a educação era privilégio para poucos. Já na capital, 60% da população sabia ler e escrever.

Nessa época o Sudeste do Brasil vivia a economia do café com leite. O governo privilegiava a agricultura de exportação, principalmente o café e valorizava

⁴⁹ Henry Wickhan. Segundo informações do historiador Elcio Amaral, o inglês veio ensinar a língua inglesa para os filhos dos confederados.

a produção bovina. Ora governava o Brasil representantes de São Paulo, onde se concentrava os maiores produtores de café, ora governava representantes de Minas Gerais que detinha a produção de bovinos. Enquanto isso, no Sul do país estouraram movimentos ligados às Forças Armadas, em que os tenentes propunham a restauração da moral política diante das eleições livres e saneamento das finanças públicas. Em 1930 tem-se a Revolução e com ela 15 (quinze) anos da ditadura de Getúlio Vargas que promoveu entre outras mudanças a expansão industrial do país; o desenvolvimento dos transportes rodoviário e aéreo; o crescimento das cidades e o surgimento do proletariado urbano e com eles problemas de habitação, criminalidade e outros; a criação de universidades, a implantação do ensino técnico e o aumento da rede escolar, principalmente a de 1^o grau, com aproximadamente 40 mil escolas em 1939; desenvolvimento da imprensa, o aumento do número de bibliotecas e a construção de prédios públicos, valorizando a arquitetura no Brasil.

Ainda no ano de 1930 assume como interventor no Pará Magalhães Barata, pelo Governo Provisório. Ao assumir o governo toma as seguintes medidas: proibição de acumulação de cargos remunerados e de nomeações de parentes pra exercer cargos públicos, prisão para os que fizerem propaganda comunista, dissolução do Congresso Legislativo do Estado. Apesar dessas medidas, ganhou a simpatia do povo, pois uma vez por semana recebia as pessoas no Palácio do Governo para resolver desde problemas simples (aluguéis de casa, pagamento de luz) até os mais complexos (disputa de terras). Percorreu o interior levando ao povo ribeirinho comida, remédios, médicos, melhorou as condições de trabalho, com horários adequados e melhores salários. Essa intervenção durou até 1935. Em 1943 volta como interventor, nomeado por Getúlio Vargas e no ano de 1946 elege-se senador.

A educação básica nessa época era feita pelo Instituto localizado na Praça da República, lá as candidatas ao magistério preparavam-se, sendo que algumas ficavam na capital e outras eram contratadas ou até mesmo nomeadas para exercer sua função em outras localidades. O método adotado para se ensinar a ler e escrever era o de ABC, o da silabação. A alfabetização dava-se em três anos. O que hoje é chamado de ensino fundamental (1^a a 8^a série) era distribuído em duas fases: *ensino primário*: 1^a série (03 anos), 2^a série, 3^a série, 4^a série e 5^a série; *ensino*

ginasial de 6^a a 8^a série, sendo que para o ingresso dessa modalidade de ensino, o estudante era submetido à prova de admissão; já o ensino médio, chamado ensino normal era feito em 04 anos.

Seria pertinente fazer uma avaliação sobre os aspectos educacionais no ano de 30 e 31, mas segundo o IBGE, devido a Revolução de 1930, não foi realizada essa pesquisa, sendo retomada em 1932. De 1932 a 1940, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística forneceu os seguintes dados contemplados no quadro abaixo:

DÉCADA	Nº DE HABITANTES	Nº DE ESCOLAS	CORPO DOCENTE	ALUNOS MATRICULADOS	APROVADOS
1932 a 1940	944.775	1 129	1958	103.954	1 ^a série: 40 702 2 ^a série: 13 013 3 ^a série: 5 831
1940		1 195	12 073	110 046	1 ^a série: 43 087 2 ^a série 13 776 3 ^a série 6 173

O quadro acima mostra que do ano de 1932 a 1940 houve um crescimento considerável em relação ao corpo docente pois de 1932 a 1939 tinha-se 1 958 (mil, novecentos e cinqüenta e oito) professores para 103 954(cento e três mil, novecentos e cinqüenta e quatro) alunos matriculados, enquanto que em 1940 tem-se um salto para 12 073 (doze mil e setenta e três) professores. Outro fato que chama atenção é o baixo número de alunos aprovados nas primeiras séries do curso primário, hoje chamado de fundamental.

Em âmbito nacional houve um crescimento no que diz respeito ao número de matriculados no período de 1927 a 1937:

No período de 1927-1931, um aumento de matrículas da ordem de 8%, um aumento de matrículas da ordem de 155; no período de 1932-1936, para igual crescimento porcentual da população, houve crescimento das matrículas superior a 30%. Entretanto, a elevação das matrículas não eliminava a precariedade do atendimento quantitativo: em 1937, com a população escolar demais de 7.000.000 (entre 7 e 12 anos) o atendimento ia pouco além das 2.600.000 crianças.⁵⁰

⁵⁰ PAIVA, Vanilda Pereira. *Educação popular e educação de adultos*, São Paulo, 1987, p.115

O incentivo dado à construção de escolas era financiamento federal. No estado de São Paulo e Distrito Federal gastavam 30 vezes mais que os Estados do Nordeste.

Embora as condições geográficas, sociais e econômicas não favorecessem a educação, no ano de 1939 dados da imprensa mostram que as cidades do interior não estavam à parte dessas transformações educacionais. Confira a nota em destaque em *O Jornal de Santarém*:

O analfabetismo envergonha os que não sabem ler nem escrever e compromete os eruditos das nacionalidades a que os mesmos pertencem. Sem analfabetismo, somente, é que o nosso Brasil será verdadeiramente grande.⁵¹

Além disso, já existia no interior a alfabetização gratuita no turno noturno apenas para o sexo masculino, organizado pelas pequenas associações, como a dos pescadores Z 11:

A atual diretoria da Colônia de Pescadores Z11 acaba de abrir mais uma escola, para alfabetização de seus associados e seus filhos também para quantos, das classes trabalhistas, queiram aprender a ler. As aulas funcionam todas as noites na sede social Z11, à Praça da Cathedral, sob a direção da competente educadora Professora Mariana Leite. São gratuitas as aulas que são custeadas pela referida Colônia. Escola noturna para homens e meninos na sede social da Colônia de pescadores Z 11.⁵²

Todo esse interesse pela alfabetização, camuflava um interesse político: as eleições para o governo do Estado que aconteceu em 1935⁵³ e pelas notícias de jornais que circulavam na época, o trabalhador era um dos alvos dos governantes.⁵⁴

Outro aspecto importante de registrar nesse capítulo é o surgimento do cinema no Pará, por fazer parte da vida social dos belenenses. E, em relação aos demais estados, o Pará, entra para a história do cinema brasileiro em 1911 quando o industrial da borracha, o espanhol Joaquim Llopis produziu o primeiro ensaio cinematográfico sob a supervisão de Ramom de Baños. Na verdade o filme era um

⁵¹ *O Jornal de Santarém*. Ano I nº 19, de 18/03/1933)

⁵² ESCOLA noturna para homens e meninos na sede local da colônia de pescadores Z11, **Jornal de Santarém**, nº 19, p.1. março, 1933

⁵³ Em 1935 José Malcher foi eleito Governador e Magalhães Barata seguiu para Recife

⁵⁴ Nessa época Getúlio Vargas já havia feito algumas reformas que beneficiara diretamente o trabalhador, como a implantação do salário mínimo.

documentário sobre o processo de fabricação da borracha, mas que colocou o Pará como um dos estados que conseguia produzir filmes. No que diz respeito à exibição de filmes o Pará poderia ser comparado aos grandes centros da época, onde filmes eram exibidos em casas populares, teatros e outros locais:

Em 1911 Belém contava com vários estabelecimentos que exibiam filmes. Dentre esses estavam o “Bar Paraense”, uma espécie de casa de shows, cinema Nazareth, destinados a exibição de filmes, “Bar Americano”, que ficava na Batista Campos e “Cinema Rio Branco” (...) Além do Cinema Ouvidor que começou a exibir filmes no Teatro da Paz (...)⁵⁵

Dado ao sucesso do cinema, no ano seguinte, é inaugurado o primeiro cinema de luxo brasileiro, o Olympia, no centro da cidade de Belém. As sessões eram freqüentadas por homens de terno e gravata, por mulheres de vestidos longos, com direito a orquestra:

(...) o Cinema Olympia, luxuosos, confortável com uma alegre salão de espera, deliciado este por um fino quarteto de professores musicistas e um belo salão, amplo extenso, extenso, com cômodas poltronas em duas longas filas, formando assim duas passagens laterais e uma central. Outra afinada orquestra executa trechos durante as projeções(...) O preço da entrada é 1\$000.

1916 Theodoro Braga

A revista *A Semana* trazia regularmente na contra capa propagandas do cinema internacional. Esse dado aparece desde as primeiras edições do referido periódico, pois há registros no livro *Pará, capital: Belém*, de Haroldo Maranhão no capítulo “Quem não anuncia se esconde” que data ocorrências desse patrocinador no ano de 1920:

OLYMPIA – BREVEMENTE!BREVEMENTE! Wiliam Farnum – O grande artista da cinematographia reapparecerá na estupenda e primorosa pelliculada Fox-Film CORAÇÃO DE LEÃO- 7 ACTOS.

1920 (Revista “A Semana”)⁵⁶

A partir do ano de 1938 o cinema Olympia divide espaço na revista com o cinema Iracema, ambos de Severiano Ribeiro. E, segundo o escritor santareno,

⁵⁵ CAVALCANTE.Anderson. M. B.

[http://www.historiaehistoria.com.br/cfm?tb=professores&id.=19\(23/5/2006](http://www.historiaehistoria.com.br/cfm?tb=professores&id.=19(23/5/2006)

⁵⁶ MARANHÃO, Haroldo.Pará, *Capita Belém. Memória & Pessoas &Coisas & Loisas da Cidades*, Belém, 2000, p. 133

Éfrem Galvão⁵⁷, os dois cinemas (Iracema e Olympia) exibiam quase simultaneamente o mesmo filme. Isso era possível de acontecer porque as exibições eram em horários diferentes. Os filmes tinham cinco ou seis rolos. Quando terminava o primeiro rolo, levavam-no de um cinema para outro, de forma que não comprometia nenhuma das sessões. Isso pode ser comprovado pela propaganda da edição nº 1044 de 19/08/1939:



Figura 13: Cartazes dos cinemas

Enquanto, na década de 30, o cinema internacional estava em evidência, o cinema nacional não recebia incentivo suficiente para competir com o cinema internacional. A respeito disso Renato Ortiz faz o seguinte comentário:

⁵⁷ Éfrem de Jesus Neves Galvão. Santareno, nascido em 27 de fevereiro de 1935. Escritor, sociólogo, formado pela Universidade Federal do Pará. Em 1985 obteve pela Universidade de São Paulo o título *Conversão Primária de Madeira*. Escreveu os seguintes livros *Jacaré e os Milagres* (1979); *A Cobra-grande e os Pecados* (1982), *A Canguçu e o Eldorado* (1984), *Romanceiro Mocarongo* (1998), *A descendência de Maria Chibé* (2002), *Vagas Lembranças de quase nada* (2003), *Foi assim...* (2005)

(...) O estado se recusava a construir uma indústria cinematográfica nacional, e tudo o que se fez foi apenas a criação de Instituto Nacional do Cinema Educativo, cuja a expressão junto à população era nula.⁵⁸

A nota acima descrita é reforçada por algumas notas sobre o cinema brasileiro no periódico em estudo:

“Alma e corpo de uma raça” depois de uma semana de exibição no cinema de São Luiz, passou para o cinema Alhambra...é uma dessas coisas que intrigam, em relação a “Maridinho de Luxo” que levou apenas 3 dias de exibição no cinema Odeon... e nada mais,,,

Assim, para manter os leitores informados e atualizados a revista contava com correspondentes cinematográficos do Rio de Janeiro que enviavam semanalmente artigos sobre o cinema internacional, com opiniões sobre os filmes e seu elenco. Abaixo, seguem trechos dos ensaios da edição 1016:

“Os miseráveis”

Na opinião do nosso correspondente MILTON LACERDA

Os miseráveis filmado e apresentado em Hollywood em 1935, é de extranhar que somente 3 anos após tenha sido extreado no Brasil, ou melhor em primeira mão na “cidade maravilhosa.”

Realmente essa versão cinematográfica da obra clássica de Victor Hugo, bem actuada e dirigida supera a todas as produções já filmadas.

Jean Valjean segundo o interpreta o jovem actor Frederic March satisfará aos admiradores deste character que Victor Hugo creou como victma da crueldade humana (...)

Martha Eggerth dansando rumba!!

(...)E Martha apesar de seus cabelo louros transformou-se de um momento para outro numa tropicalissima interprete dessa allucinante expressão choreographica.

(...) Elegante, como sempre. Martha Eggerth oferece á visão encantada das mulheres de todo o mundo, innumeras sugestões em modelos atrevidos e deslumbrantes no sem número de “toilettes” que veste durante o filme.

Provavelmente, a valorização da cultura internacional, deve-se ao fato de que o periódico era mantido por patrocinadores, sobretudo o cinema Olympia que aparece regularmente como patrocinador na década de 30.

⁵⁸ ORTIZ, Renato. *A moderna Tradição Brasileira*, São Paulo, 1994, p. 51-52

4 OCORRÊNCIAS LITERÁRIAS NA REVISTA A SEMANA NAS EDIÇÕES DO N.ºS. 1016,1018,1024 E 1026.

4.1 EDIÇÃO N.º 1016 : A MULHER *IN FOCO*

Nos exemplares pesquisados - 1921 a 1939 - perceberam-se alterações no expediente e uma delas foi a ampliação nos números de redatores, alguns deles fora do eixo de Belém, como Nestor Miléo⁵⁹ (Santarém), Milton Lacerda⁶⁰ e Nélío Reis⁶¹ ambos correspondentes no Rio de Janeiro. Eis a organização do expediente do periódico, n.º 1016, ano 20, de 21/01/39, que comparado ao de 1923 evidencia-se a ampliação da revista:

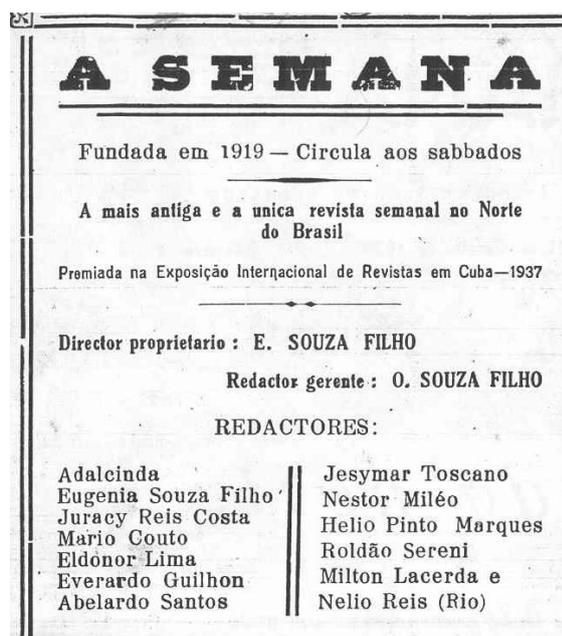


Figura 14: Expediente da edição n.º 1016. *A Semana*

De formato pequeno (18,5x27), a revista, na maioria das vezes apresentava na capa uma personalidade feminina: uma atriz do cinema internacional ou do cinema nacional, uma personalidade da sociedade belenense. Às vezes havia variações e

⁵⁹ Nestor Orlando Miléo. (1818-1987) Formou-se em Direito no ano de 1944. Como promotor atuou nas comarcas de Santarém, Monte Alegre, Faro, Prainha e de Belém. Faleceu no dia 22/06/1987.

⁶⁰ Milton Lacerda. Paraense, nascido em 12/12/?. Mudou-se para o Rio de Janeiro e segundo a edição da revista *A Semana* n.º 1009 de 03/12/1938 visitava estúdios cinematográficos e empresas estrangeiras mandando sempre novidades sobre o cinema internacional e nacional para o público leitor paraense

⁶¹ Nélío Reis. Estreou na literatura paraense com o livro *História dos homens de nossa história*. Publicou no Rio de Janeiro as seguintes obras: *Subúrbios*, *O rio corre para o mar*.

contemplava também atores do cinema internacional, fotos da economia local ou desenhos de cunho regional, como pode ser constatado na reprodução abaixo:

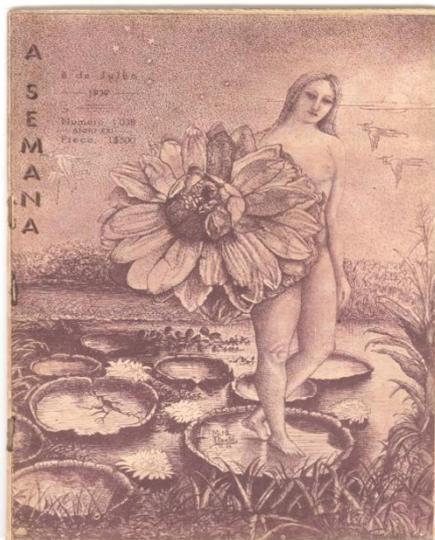


Figura 15: Capa da edição nº 1038, de 08/07/1939. *A Semana*

O exemplar nº 1016, um dos selecionados para essa dissertação, apresenta textos distribuídos em duas (02) ou em três (03) colunas, editadas em 28 (vinte e oito) páginas não numeradas, dessas páginas duas (02) destinadas a propagandas do cinema internacional, 02 páginas exclusivas de propagandas e três de propagandas com artigos da revista. As propagandas contempladas nesse periódico eram dos mais variados segmentos; café, meias, serviços de festas, olaria, armazém, anticéptico bucal, revistas, fábricas de roupas, cintos, sacos de viagem. E, se comparado aos primeiros exemplares, onde a propaganda ocupava aproximadamente 40% do espaço da revista, nesta edição predominam variedades de textos literários e informativos.

A capa do periódico em estudo traz a atriz Marlene Dietrich (figura 18), numa pose sensual, e, segundo Roland Barthes a fotografia possui uma linguagem conotativa e denotativa (O óbvio e o obtuso)⁶² Esse duplo sentido do qual Roland Barthes faz referência é comentado pelo fotógrafo Brassai⁶³:

⁶² <http://pt.wikipedia.org/wiki/Fotografia10:43>.p.01

⁶³ Gyula Halász Brassai (1899-1984). Romeno. Foi fotógrafo e desenhista. Ficou famoso, principalmente, por seus álbuns artísticos sobre Paris: *Paris à noite* (1933), *Volúpias de Paris* (1935)

A fotografia tem um destino duplo... Ela é a filha do mundo do aparente, do instante vivido, e como tal guardará sempre algo do documento histórico ou científico sobre ele; mas ela é também filha do retângulo, um produto das belas artes, o qual requer o preenchimento agradável ou harmonioso do espaço com sinais em preto e branco ou em cores. Neste sentido, a fotografia terá sempre um pé no campo das artes gráficas e nunca será suscetível de escapar deste fato⁶⁴.

Essas observações de Barthes e Brassai têm o propósito de chamar atenção para a importância da imagem na literatura, pois o leitor dependendo da sua formação intelectual, de seu conhecimento de mundo e de seu estado de espírito poderá fazer sua interpretação de forma objetiva (óbvio) ou subjetiva (obtusos), uma vez que, uma fotografia, sendo um texto não-verbal, permite leituras de vários ângulos (histórico, social, econômico).

Dessa forma, a fotografia da figura feminina, no periódico, sobretudo de atrizes, tinha entre outras finalidades de documentar esse momento do cinema, popularizando-o. Isso aconteceu em âmbito mundial, pois em países desenvolvidos até fins de 1909, o público desconhecia os nomes dos atores. E as empresas de cinema passaram a usar letreiros e cartazes de publicidade dos artistas. Em Belém, essa prática não foi diferente, *A Semana*, além de expor a foto ainda tecia comentários a respeito do artista que saía na capa da revista, como comprovamos a seguir:



Figura 16: Capa da edição 1016, de 21/01/1939. *A Semana*

⁶⁴ KOSSOY, Borys. *Fotografia e História*. Ática. São Paulo, 1989, p.32. Apud. BRASSAI. New York. *The Museum of Modern Art*, 1968, p.14

Nossa Capa

Marlene Dietrich, sempre foi um grande nome no cinema mundial, sua maneira de representar, seu *sex-appeal*, conquistaram-lhe o título de temperamental, hoje temos na capa sua figura axotica e bela para a maior alegria de seus admiradores. Marlene brevemente virá ao Pará, na sua nova película para a Paramount "Anjo" ao lado de Melvyn Douglas e Herbert Marshall.

Além de Marlene Dietrich⁶⁵ o periódico trouxe em outros exemplares, capas e reportagens com fotos de atrizes famosas como Madaleine Carroll⁶⁶ e Bete Davis⁶⁷.

Essas fotos constituíram verdadeiras reportagens fotográficas para os leitores que através delas entrariam em contato com outras culturas.

Segundo Dulcilia Schoeder Buitoni, o século XX marca o início da utilização da fotografia na imprensa brasileira e as fotos encontram um campo fértil nas revistas.⁶⁸

A exemplo disso, *A Semana* apresenta uma coluna regular sob o título: *Para o álbum dos fans*, com fotos e legendas das personalidades, sobretudo de atores e atrizes internacionais.

Além de ensaios cinematográficos, fotos e comentários, da capa, o periódico destacava-se, principalmente, pelas variedades de produções listadas a seguir:

AUTORIA	GÊNERO	TÍTULO
Dulcinéa Paraense	Poesia	A voz da noite
Sem assinatura	Crônica	Aposta curiosa
Ruy Coutinho	Crônica	Evelino pôs sangue pela boca
Adalcinda Camarão	Poema	Igarapé das Almas
Geraldo Corrêa e D. Rogério	Crônicas	Pedaços da vida de todas
Raymundo Felício da Silva	Artigo sobre a cidade de Belém.	Dinamismo remodelador
Mário Couto	Pequenos textos de humor	Chafariz
Geraldo Vinícius (do RJ direto p/ <i>A Semana</i>)	Poema romântico	O primeiro beijo e a última lágrima

⁶⁵ Marlene Dietrich (1904-1992). Atriz do cinema americana nascida na Alemanha. Fez sucesso nos EUA, pela sua figura sedutora.

⁶⁶ Madeleine Carrol (1906-1987). Atriz de teatro, de cinema e de televisão americana, nasceu no Reino Unido. Trabalhou com John Ford, Otto Preminger e Cecil de Mille. Atuou também no rádio. Fez sucesso nos filmes *E o mundo marcha* (1934), *O agente secreto* (1934).

⁶⁷ Bette Davis (1908-1989). Atriz de cinema americana. Alcançou grande popularidade com seus papéis dramáticos. Premiada com os Oscars de 1935 e de 1938. Atuou nos filmes *Servidão humana* (1934), *Jezebel* (1938), *A malvada* (1950), *Quem matou Baby Jane* (1962).

⁶⁸ BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa Feminina*. São Paulo. Ática. 1986. p.42

ÍNDIO do Norte	Narrativa	Cenas do Nordeste
Nestor Miléo	Notas	Aconteceu nesta semana
Sylvio Barradas	Poema regional	Festa de Caboclo
Milton Lacerda (do Rio)	Ensaio: Artigos críticos sobre ator americano Fredric March e atuação o filme “Os miseráveis”.	O Moderno
Milton Lacerda	Ensaio : Artigo sobre o cinema internacional	Martha Eggerth dançando rumba (cantora da Hungria)
Milton Lacerda	Ensaio: Artigo sobre o cinema internacional.	Os Miseráveis
Milton Lacerda	Ensaio: Artigo sobre o cinema brasileiro	Complementos Nacionais
Milton Lacerda	Pequenas notas do cinema brasileiro	Coisinhas que intrigam
Geraldo Corrêa	Artigos sociais- eventos	A Semana elegante
Eldonor Lima	Crônica Esportiva	Paysandu X Tuna
Eldonor Lima	Ensaio filosófico	Fatalismo e destino

Gráfico 1: Tabela: Autores, gêneros e títulos de textos publicadas na edição 1016

Das obras e escritores acima relacionados, chamam atenção duas poetisas: a Dulcinéia Paraense e Adalcinda Camarão. A primeira, uma intelectual com dons artísticos e redatora da Revista *Terra Imatura*. Que, além de poetisa, era cantora lírica e pianista, formada em Bacharel de Direito, pela Universidade Federal do Pará. Ela, nessa edição abre a revista com o seguinte poema:

A voz da noite

Eu existi como mulher que tinha a carne como um grito
Como a mulher que sem saber foi “alguém” para inúmeros destinos.

Pelas noites brancas eu erguia e ia beijar todas as sombras
os meus olhos subiam para beber o céu
e sentia escorrer espumas dos ouvidos – era o mar...
Todos os ventos frios me lambiam
e eu tinha a alegria de folhas balouçando.
Eu senti os teus pés machucando as distancias,
eu senti tua voz ecoando nas distancias,
eu senti o teu gesto apalpando as distancias...

E por isso eu vivi como a mulher que tinha a carne como um grito!

O poema de Dulcinéia Paraense⁶⁹ se não fosse escrito em 1939 e por uma mulher poderia se dizer que era um belo poema com traços simbolistas, uma vez que os simbolistas expressam o conteúdo do subconsciente e do inconsciente, apelam para linguagem figurada e com uma sonoridade que apenas insinue, sugira aqueles estados. Isso é referendado por Mallarmé que dizia que o prazer do poema, para o leitor, é feito da felicidade de adivinhar, pouco a pouco, um objeto. Mas considerando a época em que a mulher era educada para ser uma boa esposa, uma boa mãe, numa cidade subdesenvolvida, o texto é ousado, reportando-nos para a modernidade. O poema perpassa que a realidade objetiva já não mais interessa, a mulher quanto ser físico não mais existe: *Eu existi como mulher que tinha a carne como um grito /Como a mulher que sem saber foi “alguém” para inúmeros destinos.* O eu-lírico passa a ser o universo em busca da sua essência e daquilo que mais profundo e comum a todos: a alma. Além disso, têm-se entre outras características que apontam para uma tendência simbolista : a utilização de palavras ligadas ao místico e ao litúrgico como: sombra, destinos, céu; presença da linguagem literária, principalmente no uso de metáforas na primeira estrofe e na última estrofe e o uso de sinestesia, que é comum aos simbolistas: *os meus olhos subiam para beber o céu/eu senti o teu gesto apalpando as distancias...* Por outro lado o eu-lírico nos remete a Cecília Meireles, uma renomada poetiza do Modernismo brasileiro que participou da “corrente espiritualista”, de inspiração neo-simbolista que em seus poemas apresentava características intimistas, introspectivas refletindo uma atmosfera de sonho, de fantasia e, ao mesmo tempo, de solidão, tal qual ocorre no poema em estudo de Dulcinéia Paraense. Observe esses traços no trecho abaixo em que a realidade exterior toma forma a partir de elementos instáveis, móveis e etéreos revelando a visão de mundo da autora:

Abracemos a noite
que chega do abismo,
instruída e calada.
(...)
dos vagos trapezistas
soltos como flores
Na vida sonhada
(Cecília Meirelis)⁷⁰

⁶⁹ Duclinéia Paraense, paraense nascida em 02/01/1918. Aluna do Ginásio Paes de Carvalho e da Faculdade de Diretiro do Pará. . Poetisa, declamadora, pianista e jornalista. Trabalhou na redação do “O Estado do Pará” e na revista “Terra Imatura”.

⁷⁰ MEIRELES. Cecília. *Poesia Completa*. Vol 4.p.101

Já, Adalcinda Camarão⁷¹ poetisa, contista, romancista e uma das redatoras da Revista, escreveu com exclusividade para *A Semana* o poema *O Igarapé das Almas*, em que se evidencia o caráter social, histórico e econômico da região:

Igarapé das Almas

Igarapé das almas!
Igarapé dos caboclos
Que não tem roupa nem calçados!
Igarapé dos predestinados
Que vivem de lá para cá,
Rio abaixo, rio acima,
Dias inteiros pra chegar no Guajará!

Trazem lenha, trazem fructas,
Trazem peixe do salgado,
Planta, farinha, assahy,
Trazem tudo pro mercado...

De manhã cedo quanta alegria!
As operárias passam cantando,
Passam sorrindo com os namorados!

Igarapé das almas! Igarapé dos sacrificados
No tempo da cabanagem!
Que passa por lá alta noite
Sente um silencio diferente dos outros silêncios...
É um silencio de água morna como pele das morenas...
É um silencio dede curiacas tremulas
Como as mãos das pretas velhas, remando...
É um silencio de panacaricas acolhedoras
Que não recebem hospedes brancos!
É um silencio de serpe venenosa
Aguardando a passagem do caçador!
É um silencio de quem tem fé em Deus!

Igarapé das almas! Igarapé das ribanceiras e raízes,
Todas magras de desgosto e de abandono!
Pobre igarapé das almas... infelizes!...⁷²

⁷¹ Adalcinda Magno Camarão, poetisa paraense, nasceu em 18/07/1920. Seus poemas estão reunidos e jornais e revistas de Belém e nos seguintes livros: *Baladas de Monte Alegre, Entre Espelhos e Estrelas, Folhas e Vidência..* Ocupou a cadeira 17 da Academia Paraense de Letras. Ao casar-se com Libero Luxardo, foi residir nos Estados Unidos. Colaborou entre outras revistas com *A Semana* e *Terra Imatura* e jornais da capital do Estado.

⁷² As palavras do poema está de acordo com a revista

O *eu-lírico* situa o leitor num espaço geográfico e poético a começar pelo título *O Igarapé das almas*, em que há um trocadilho, pois se tratava na verdade do Igarapé das armas (atual doca de Souza Franco) nome dado pelos caboclos por lá esconderem as armas a serem usadas no confronto com as forças imperiais, na revolta chamada Cabanagem⁷³. Essa região localizava-se as margens da Baía de Guajará, próxima à capital paraense, constituindo um prolongamento da baía. A primeira estrofe centra-se na figura do caboclo que revela sua condição social miserável, pois *não tem roupa nem calçado!* E, segundo o *eu-lírico*, o caboclo está predestinado a esta vida: *Igarapé dos predestinados /que vem de lá pra cá/, numa rotina diária*. Esse trecho pode ser comparado ao movimento das águas do Igarapé (*de lá pra cá*). Na segunda estrofe, esse poema revela também um sistema de comercialização em que o ribeirinho vende para o mercado produtos como: lenha, frutas, plantas, farinha, açaí, garantindo seu sustento. Já na terceira estrofe, tem-se a alegria da mulher ribeirinha trabalhadora, que não fica em casa, mas vai para a labuta. Há conotação de uma mulher independente, embora de forma idealizada: *De manhã cedo quanta alegria! As operárias passam cantando, passam sorrindo com os namorados!*

Na quarta estrofe, tem-se uma retomada do conflito histórico da Cabanagem enfatizado pela palavra *silêncio*, que aparece seis vezes nessa estrofe. Silêncio esse, que metaforicamente sugere o fim do conflito (Cabanagem), no qual têm-se registros de muitas mortes. Embora o poema situe-se, em âmbito nacional no modernismo, não se pode afirmar que seja genuinamente moderno, mas que se tem traços que apontam novos rumos da literatura paraense: a reescritura de um momento do passado – *Igarapé das almas!, Igarapé dos sacrificados/ No tempo da Cabanagem!* –; a reflexão sobre o destino do caboclo, isto é, a preocupação do destino do ser humano – *Igarapé das almas!/Igarapé dos caboclos/ Que não tem roupas nem calçado!/Igarapé dos predestinados* – e a valorização de fatos e coisas do cotidiano – *trazem lenha, trazem fructas,/ trazem peixe do salgado,/ planta, farinha, assahy,/ trazem tudo pro mercado...* Tais traços, que constituem uma tendência regional, podem ser encontrados em obras que marcam o primeiro

⁷³ Cabanagem. Rebelião popular que iniciou em 1835 na província do Grão-Pará (atuais Pará e Amazonas) contra as forças do império português. O Pará foi a última província a aderir a Independência do Brasil.

momento modernista brasileiro (1922-1930). Confira-os nos trechos de poemas de Manuel Bandeira e Oswald de Andrade:

Na feira livre do arrabaldezinho
Um homem loquaz apregoa balõezinhos de cor:
- “O melhor divertimento para as crianças!”
Em redor há um ajuntamento de menininhos pobres...
(Manuel Bandeira)⁷⁴

a descoberta
Seguimos nosso caminho por este mar de longo
Até a oitava de Páscoa
Topamos aves
E houvermos vista de terra
(Oswald de Andrade)⁷⁵

Outra característica presente no poema *Igarapé das Almas*, de Adalcinda Camarão é a aproximação entre a linguagem da poesia e da prosa – *De manhã cedo quanta alegria! / As operárias passam cantando, / Passam sorrindo com os namorados!* – que também está contemplada nos trechos acima.

Justificando o título desse subcapítulo *mulher in foco*, essa edição contempla, além das atrizes e poetizas, o sucesso da mulher na rádio, como de Celeste Camarão conforme ilustração e comentário abaixo:



Figura 17 Foto de Celeste Camarão (Cantora)

Celeste Camarão⁷⁶ é a voz da P.R.C. 5. No último dia 14, data da inauguração de nossa estação de rádio, ela cantou e encantou os ouvintes.

⁷⁴ BANDEIRA, Manuel. *Estrela da Vida Inteira*. 20 ed. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1993 p. 120

⁷⁵ ANDRADE, Oswald de. *Literatura Comentada*. 2 ed. São Paulo. Nova Cultural, 1988, p.25

⁷⁶ Celeste Magno Camarão Proença (23/06?). Poetisa. Casada com Edyr Proença. Fez sucesso da PRC 5, contando, declamando ou participando de rádios-novela.

O periódico poderia ter publicado apenas uma pequena nota sobre Celeste Camarão, porém acrescentou também uma foto, afim de que o leitor conheça a artista.

Nota-se que a mulher exerceu um importante papel na formação da sociedade paraense, não só no campo literário, mas também no artístico. Nessa década começaram a se difundir as rádios-novela e a mulher passou ser peça fundamental para a interpretação das personagens.

Assim a revista *A Semana* cumpriu, na época, o papel de divulgar produções literárias de autoria masculina e feminina, além de outros gêneros, inclusive o de futilidades como as sessões fixas: *Pedaços da vida de todos*, *chafariz*, *Acontecimentos nesta Semana* e *Semana elegante*, artigos esses destinados, sobretudo ao público feminino.

4.2 EDIÇÃO 1018 DE 1939: MEMÓRIAS

A mulher mais uma vez é agraciada na capa da revista, só que agora são várias jovens da sociedade belenense conforme a explicação do semanário:



Figura 18: Capa da edição 1018, de 04/10/1939. *A Semana*

Nossa capa

Emprestando um pouco de beleza aos nossos jardins, vemos hoje, em nossa capa as figuras gentis de sete graciosas bonequinhas paraenses; senhoritas: Maria de Lourdes Lobato Fernandes, Maria Augusto Lopes Pereira, Delinha Garcia, Waldomira Gomes, Maria Leonor e Dina Sabat.

A capa dessa edição apresenta uma performance diferente: seis fotografias de jovens, sendo que cada foto tem ângulos diferentes. Infelizmente não há registro na revista do (s) fotógrafo (s) que tirou as fotos das seis jovens, mas pelas imagens do fundo, identifica-se uma paisagem urbana: nas três fotos superiores identifica-se a praça da República, constituindo mais um registro da época, já nas inferiores não foi possível identificar.

Esse exemplar, com vinte (28) páginas não numeradas, trazia anúncios de propagandas tal qual a edição anterior. Dessas, chama atenção a da Livraria Gillet localizada na Rua Conselheiro João Alfredo, 52, fazendo propagando de nomes importantes da literatura universal como Victor Hugo⁷⁷:

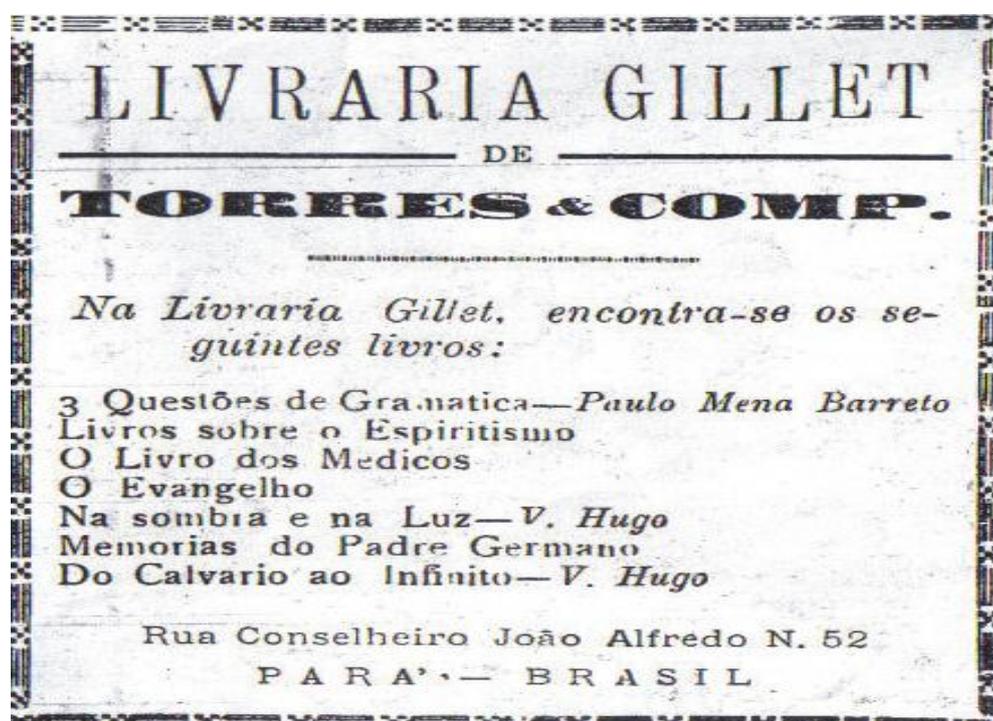


Figura 19: Propaganda de livraria. Edição nº 1017. *A Semana*

⁷⁷ Victor Hugo (1802-1885). Escritor francês, poeta, prosador e um dos principais divulgadores do romantismo no seu país.

Não foi possível registrar o número de livrarias existentes em Belém na década de 30 para traçar um panorama do público leitor, mas em contrapartida, no ano de 1939, segundo informações do IBGE, no Pará havia quarenta e seis (46) bibliotecas, das quais quinze (15) eram particulares e trinta e uma (31) públicas. Das bibliotecas particulares oito (oito) eram para professores e sete (7) para alunos, e da esfera pública treze (13) destinadas para professores e dezoito (18) para alunos.

Esses dados evidenciam o caráter elitista da educação. As livrarias tiveram um papel importante nesse período, uma vez que elas poderiam ser freqüentadas por qualquer indivíduo letrado, atendendo do menos erudito ao culto.

Além das propagandas de livrarias, que possibilitou saber que leituras circularam na época, o periódico literariamente era muito rico e seguia um padrão: os quadros eram fixos, com pequenas alterações de um exemplar para outro, conforme demonstra o quadro de publicações da revista nº 1018, de 4/02/1939:

AUTORIA	GÊNERO	TÍTULO
Nunes Pereira	Poema	Acalanto num ritmo esquecido
Adalcinda Camarão	Poema	Preferência
Leônidas Monte	Soneto	Luz
Geraldo Vinicius	Crônica	Dia de Chuva
Fulião (pseudônimo)	Noticias da sociedade (Capital e interior)	Sob o Spectro de momo
Dulcinéia Paraense	Ensaio crítico	Maxambombas e Maracatus
Mário Couto	Textos de humor	Chafariz
Sylvio Barradas	Poema	Se eu pudesse dizer...
Jornal holandês de Maasbode	Artigo com ilustração	Pearl Buck e o Prêmio Nobel
Juracy	Reportagens sobre acontecimentos nos grandes centros (RJ, SP, Curitiba)	Acontecimentos da Semana
Dalcídio Jurandir	Crítica	Os poemas de Henrique Carstens e Odylo Costa Filho
Dalcídio Jurandir	Poemas	Enlevo e Moldura
Milton Lacerda (emissário), cedido por Warner Brothers	Crônica	Bonita Granville
Milton Lacerda	Ensaio	-No limiar do crime (Warner First) -Cinema brasileiro-Progresso
Leonardo Nunes	Poemas (soneto)	Arvores Secca
Luiz Ramos Ribeiro	Conto	Miramar

Tabela 2: Autores, gêneros e títulos de textos publicados na edição 1018.

Como se pode observar, a tabela apresenta nomes, hoje consagrados da literatura paraense, como Dulcinéia Paraense e Dalcídio Jurandir que sempre contribuíram com suas produções literárias no semanário.

Dulcinéia Paraense contribui de muitas formas no periódico. Além de poemas publicou artigos críticos acerca de livros. Um desses artigos tecia comentário sobre as crônicas de Mário Sette, escritor pernambucano e pesquisador da cultura nordestina. Nessa edição, Dulcinéia Paraense assinou o artigo crítico sobre a obra “Maxambombas e Maracatus”, desse escritor:

(...) Todo o livro é uma ironia acérrima e uma saudade amarga. E essa ironia é o “não quisera que fosse” e essa saudade é o “haver deixado de ser” (...). é o precioso o livro de Mario Sette. Para os estudiosos do folqulore é um manancial. Fonte feliz para os compositores de todo o Pernambuco (...). O que mais apreciei nesse cronista requintado foi, sem dúvida a maneira toda própria de contar, apenas. Não comenta. Deixa o leitor arguto a percepção da sua opinião a respeito do que narrou. É notável.(...)

O trecho acima selecionado é um indicativo de que os colaboradores da revista se mantinham informados sobre as produções de outras regiões. Além disso, o artigo crítico elogia a obra de Mário Sette, sobretudo, seu estilo particular de narrar, incentivando o leitor a ler a obra. Com isso, o periódico configurou-se também como um veículo de divulgação da literatura, não só a paraense, como também a brasileira.

Outro colaborador da revista foi Dalcídio Jurandir⁷⁸, escritor de prosa incisiva, que contribuiu com a revista *A Semana*, publicando poemas, notas literárias e artigos críticos como o artigo “Os poemas de Henrique Carstens e Odylo Costa Filho”, texto em consideração que crítica o poeta Frederico Schmidt:

O gordo poeta Augusto Frederico Schmidt que anunciou a morte da poesia faleceu um dia deste. Morreu mesmo. Gritou tanto pela Joana que rebentou a sua aneurisma poética. O poeta Schimidt acabou livreiro, acabou vendendo livrinhos pornográficos depois de ter furtado Gilberto Freyre com a edição de “casa Grande e Senzala.”

Mas a poesia está viva dentro dos homens. Os poetas novos do Brasil acabaram com o ex-poeta Schimid.

⁷⁸ Dalcídio Jurandyr Ramos Pereira (1909-1979) Paraense. Nasceu em Pontas de Pedras, ilha de Marajó. Em 1928 muda-se para o Rio de Janeiro passando a trabalhar como revisor da revista Fon-Fon. Em 1931 retorna para Belém. - Foi um dos colaboradores das revistas *Guajarina* e *A Semana*. Em 1972, a Academia Brasileira de Letras concede ao autor um prêmio pelo conjunto de sua obra. Escreveu poemas espalhados em jornais e revistas. Dentre as obras têm-se: *Chove nos Campos de Cachoeira*; *Marajó*; *Três Casas e um Rio Linha do Parque*; *Belém do Grão-Pará*; *Primeira Manhã*.

O livro de poemas de Henrique Cartens e Odylo Costa Filho chegou em casa quando eu sentia mesmo necessidade de poesia (...)

Esse trecho documenta um momento importante do jovem escritor no qual expressa seu pensamento a respeito das produções do poeta Augusto Frederico Schmidt⁷⁹, que segundo Dalcídio possuía um estilo ultrapassado.

Na mesma edição (1018), 4/02, há um artigo sobre a escritora *Pearl Buck* e o *Premio Nobel* com o romance *China, a velha China* (The God Earth). O romance relata os costumes daquele povo. Evidencia-se, então, o interesse geral da revista em divulgar a literatura, não apenas a nacional, mas também a internacional, como a publicação de um trecho da reportagem traduzida do jornal holandês *De Maasbode*: *Quando disseram a Pearl Buck, que lhe fora concedido o Premio Nobel, esta escritora, surpreendida, achou isto ridículo e incrível. E traduziu em chinês, o seu pensamento: “o Poe sing sin” ou “eu não creio”*

O interesse pela literatura não ficava apenas nos registros das produções, ia além, expondo fotos como dos escritores Nunes Pereira⁸⁰, Bruno de Menezes e outros:

As duas fotos a seguir têm suas especificidades. A primeira por ostentar a imagem de um uma pessoa que teve grande importância para a literatura paraense e a segunda por constitui um fragrante do escritor Nunes Pereira com os redatores da revista em estudo. Assim, tem-se pelas fotos uma imagem coletiva da memória coletiva, fruto de uma convivência profissional. Sobre esse assunto Ecléa Bosi assim comenta: Uma memória coletiva se desenvolve a partir de convivência familiares, escolares profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo.⁸¹

⁷⁹ Augusto Frederico Schmidt (1906-1965). Nasceu no Rio de Janeiro. Foi editor, industrial, diplomata e sobretudo poeta. Escreveu entre outras as seguintes obras: *Canto do Brasileiro* (1928), *Cantos do Liberto* (1928), *Navio Perdido* (1929), *Pássaro Cego* (1930), *Desaparição da Amada* (1931), *Canto da Noite* (1934), *Estrela Solitária* (1940), *Mar Desconhecido* (1942), *Fonte Invisível* (1949), *Mensagem dos Poetas Novos* (1950), *Ladainha do Mar* (1951), *Morelli* (1953).

⁸⁰ Manuel Nunes Pereira (1893-?). Maranhense. Indianista e escritor. Estudou em Belém, e Niterói e no Rio de Janeiro. É autor das seguintes obras: *Baira e suas experiências*, *Etnologia amazônica* (Belém, 1940), *Ensaio da Etnologia amazônica..Sobre uma peça etnografia dos Maués* (Belém, 194). Curt Niemuendaju. *Síntese de uma vida e de um obra* (Belém, 1946), *Os índios Maués* (Rio, 1954), *Panorama da alimentação indígena* (Natal, 1964) e *Mocorongetá, um Dacameron Indígena* (Rio, 1967). Percorreu a Amazônia como técnico do Ministério de Agricultura, estudando e pesquisando

⁸¹ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade. Lembranças de velhos*. São Paulo, 2004. p.411

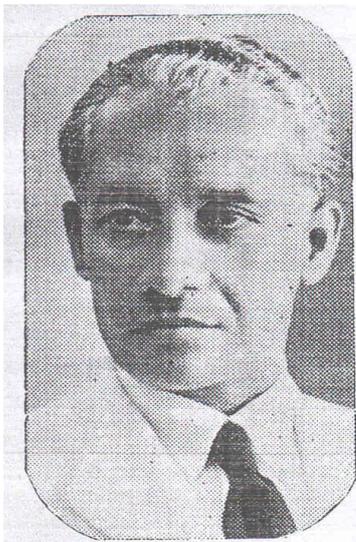


Figura 20
Bruno Menezes
Edição nº 1024 de 23/03/1939

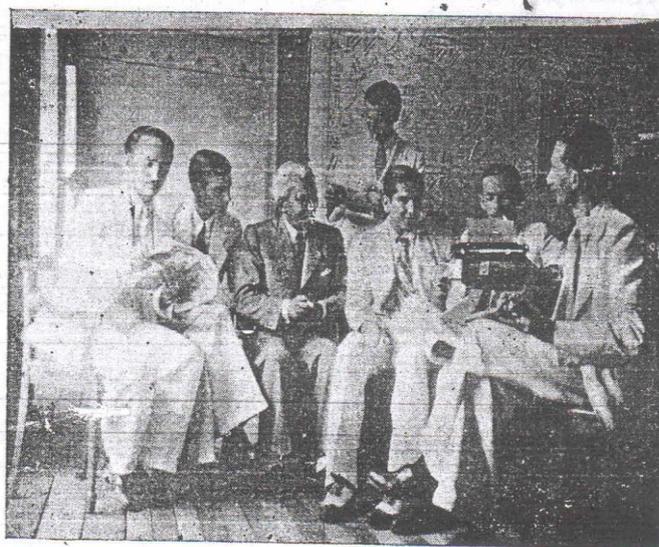


Figura 21
Nunes Pereira (na redação da revista)
Fonte: Periódico nº 1018 de 04/02/1939

Assim, a revista constituiu um importante documento de memória literária. Além de publicar textos de diversos gêneros, voltava ao passado lembrando pessoas ilustres da literatura paraense que tiveram notoriedade nacional, como o escritor José Veríssimo:

Paráenses ilustres

JOSÉ VERÍSSIMO nasceu em Belém, Estado do Pará, em 1857, e faleceu em 1918. Homem de letras e crítico conceituado, foi director do Gymnasyo Nacional e da Escola Normal do Rio de Janeiro. Novelista, historiador, crítico literário e erudito escriptor. São suas as seguintes obras: *Scenas da Vida Amazônica*, *Primeiras Páginas*, *Estudos Brasileiros*, primeira série; a *Educação Nacional, Pará*, *Estudos Brasileiros*, segunda série; a *Pesca na Amazônia*, *Homens e Coisas estrangeiras*, *Estudo de literatura*, *Que é literatura?*

Em Paris, em 1889, assistiu ao 1º Congresso Antropológico, ao qual apresentou interessante memória sobre o *Homem de Marajó e a antiga civilização amazônica*. Pertenceu à Academia Brasileira de Letras, de que foi um dos fundadores.]

O Pará homenageia a memória de seu filho illustre, ostentando-lhe o nome na fachada de um dos mais antigos e conceituados grupos escolares da capital.

Sobre a importância de lembrar o passado para conservá-lo Ecléa Bosi em *Memória e Sociedade*, assim explica:

Hoje, a função da memória é o conhecimento do passado que se organiza, ordena o tempo, localiza cronologicamente. Na aurora da civilização grega ela era vidência e êxtase. O passado revelado desse modo não é o antecedente do presente, é a sua fonte.⁸²

Embora a revista tenha registrado tais reportagens, os poemas ocupavam um espaço privilegiado como pode ser observado no gráfico nº 02, apresentado no corpo do trabalho. Esse gênero ora abria o semanário ocupando toda uma página ora aparecia nas páginas da revista acompanhado de imagem, chamando mais atenção para o texto. O poema *Árvore Secca*, de Leonardo Nunes exemplifica isso:



Figura 22; Poema da edição nº 1024. *A Semana*

⁸² Ibidem, p.89

O poema, estruturalmente possui traços clássicos, como o culto da forma: a forma fixa representada pelo soneto, a métrica dos versos decassílabos e a chave de ouro, isto é, o verso final, que condensa uma idéia e o arrematamento do poema dando um belo efeito, remetendo-nos à estética parnasiana. Porém, ao trazermos para o presente, pode-se afirmar que o tema é atualíssimo: o desmatamento. O título já infere a essa reflexão: *Árvore Secca*. Na primeira estrofe o *eu - lírico* fala do passado esplendoroso e do seu descontentamento com o presente: *Ante essa tua austera magestade,/arvore seca em campo devastado, Eu de mágoa me sinto trespassado (...)*; no segundo quarteto o eu-lirico vale-se da prosopopéia para externar seus sentimentos diante dessa agressão ecológica, e ao mesmo tempo pede misericórdia a Deus: *Alçados os braços nus, desesperado,/ Faz a Deus por clemência, por piedade*; na quarta estrofe permeia o sentimento de indignação e no último terceto o eu-lirico fecha com chave de ouro - *O teu louco imprecar, arvore afflita!* - sintetizando toda a idéia do poema.

Dos exemplares compilados nota-se uma clara intenção em divulgar, sobretudo o gênero literário, prova disso é que a direção da *A Semana* fazia propaganda gratuita, o que eles chamavam de propaganda de amizade, com intuito de divulgar a revista *Terra Imatura*⁸³, periódico que registrava muitas publicações críticas, entre elas as literárias, que tinha como um dos fundadores o escritor Ruy Barata. Esta revista, por sua vez, também divulgava a revista *A Semana* e também *Pará Ilustrado*⁸⁴.



Figura 23 Propaganda . Edição 1026., de 21/01/1939. *A Semana*

⁸³ *Terra Imatura*-(1938-1939), revista mensal dirigida por Cléo Bernardo de Macambira Braga

⁸⁴ *Pará Ilustrado* (1938-1943), fundada por Jaime Dacier Lobato.

LEIAM

A SEMANA

A mais antiga e a unica revista semanal no Norte do Brasil
circula aos sabados

Direção de E. SOUSA FILHO (propaganda de amizade)

Nossa capa



No proposito de lançar ao conhecimento do grande público que nos lê, nomes que representem, de fato, inconteste expressões artisticas, é-nos dada hoje a oportunidade de apresentar, em nossa capa, mais um desses espiritos que fazem do desenho um motivo de meditação e estudo. Trata-se de Tarquínio Neto, nosso amigo, colaborador e correspondente, que além de moço inteligente e culto, abraça com desvelo e dedicação, a carreira médica, em sua terra natal, o Maranhão.

Dele, do dr. Tarquínio Lopes Neto, é o trabalho que publicamos na capa da presente edição.

Do que pensam e dizem de nós

INAPIÁRIOS, brilhante órgão dos Funcionários do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários, no numero de janeiro, assim se referiu sobre a nossa revista:

Visitou nos, pela primeira vez, a magnífica revista mensal *TERRA IMATURA*, que se publica em Belém do Pará, sob a competente direção de nossos confrades Cléo Bernardo de Macambira Braga, Carlos Eduardo da Rocha, Clovis Ferro Costa e outros.

TERRA IMATURA exhibe aspecto gráfico ótimamente cuidado e apresenta, como colaboradores, os vultos mais significativos do pensamento contemporâneo do Norte brasileiro, sem falar de outros, como Osvaldo Orico, Bezerra de Freitas e Ademar Tavares, de merecido renome nacional.

Dentre os brilhantes componentes do corpo redacional de *TERRA IMATURA*, ressalta *Inapiários*, com prazer, o nome de Daniel Coelho de Souza, representante desta Revista no Pará e funcionário dos mais dedicados da Delegacia do I. A. P. I. no Estado.

Sensibilizados com a gentileza dos distintos confrades, teremos doravante a satisfação de manter com a vitoriosa publicação paraense o mais interessante e cordial intercâmbio.

Procure ler:

PARÁ ILUSTRADO

a revista
de Edgard Proença
(propaganda de amizade)

Figura 24: Propaganda. Edição.nº 08, de 08/03/1939 *Terra Imatura*

4.3 EDIÇÃO 1024: ANIVERSÁRIO DA REVISTA

A edição de nº 1024 de 23 de março de 1939, foi especial, pois marca a data de aniversário do semanário, 21 anos, apresentando um desenho de um índio, que segundo informações do CITA (Consciência Indígena Tapajós e Arapiuns), trata-se de um índio da tribo mundurucu, identificação esta, feita pelas pinturas corporais de uma jibóia, réptil que caracteriza tal tribo. Segue-se o comentário sobre essa ilustração, grifo da própria revista:

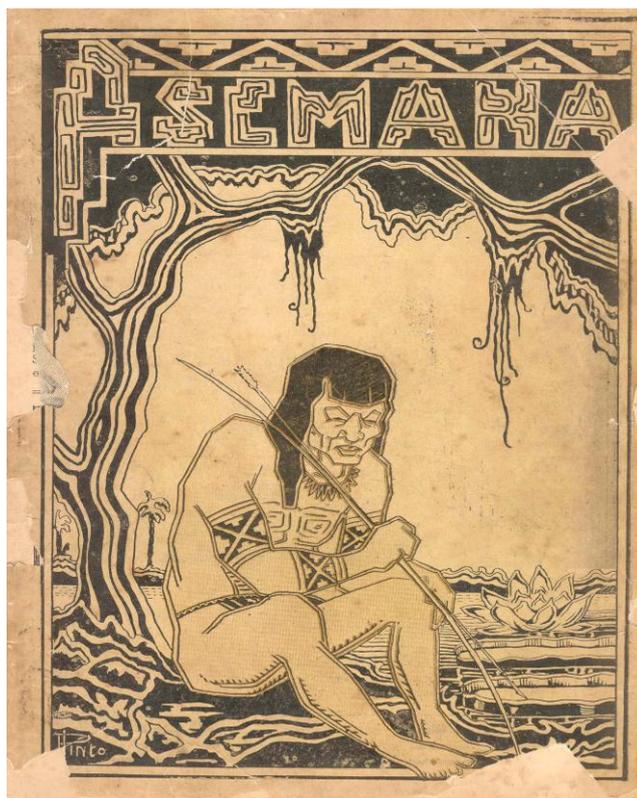


Figura 25: Capa da edição nº 1024, de 23/03/1939. A *Semana*

Capa

A capa da nossa revista apresenta um trabalho sobre motivo regional do jovem artista paraense João Pinto, que exerce também proficiência, o cargo de funcionário da Prefeitura Municipal de Belém. Jovem estudioso e empreendedor, o artista a quem devemos as mais belas ilustrações desta revista, tem se firmado nos meios culturais de Belém, apesar da grande modéstia de que se cerca, pelo seu valor incontestável.

A página seguinte traz um texto narrativo, de caráter biográfico, de autoria não revelada, intitulado “Maior Idade” em homenagem a todos que fizeram parte da História da Revista. O texto apresenta uma estrutura moderna, rompendo com qualquer tipo de discurso tradicional, pois, *“parece que o Modernismo (tomado o conceito no sentido amplo de movimento das idéias, e não apenas das letras) corresponde à tendência mais autêntica da arte e do pensamento brasileiro.”*(CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*, p.124)

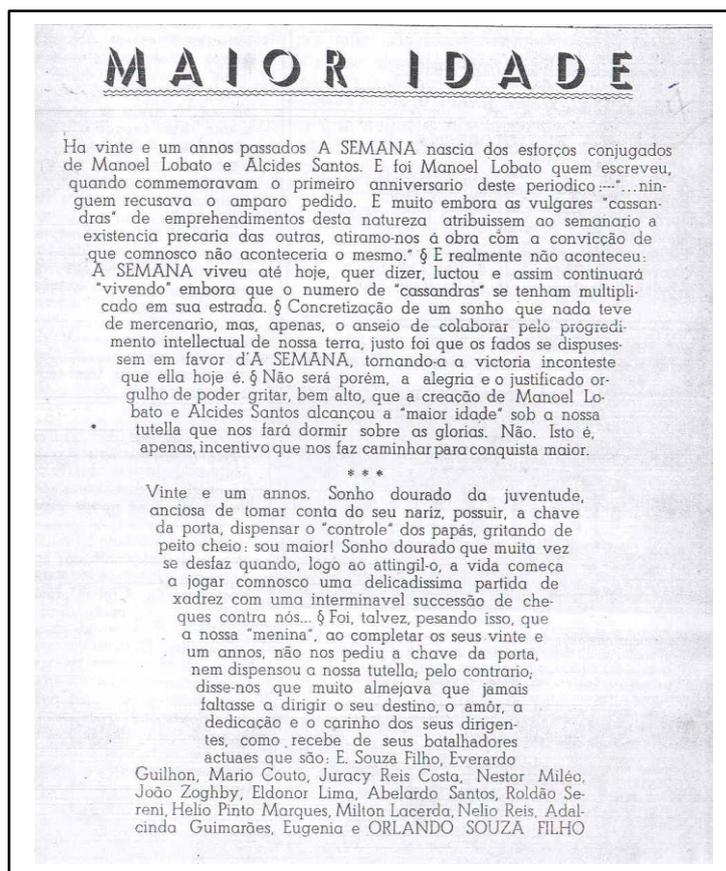


Figura 26 Fonte: Periódico nº 1024 de 23.03.1939

O texto é muito sugestivo, a começar pelo título *Maior idade*, sugerindo a passagem de tempo, marcando a maturidade da revista, pois se sabe que pela lei brasileira da época, era considerada de maior idade, o cidadão de 21 anos. Assim, a narrativa dividi-se em duas partes. A primeira parte (superior) tem-se um *feet-back*, em que relembra os fundadores da revista: Manoel Lobato e Alcides Santos e recorre às palavras de Manoel Lobato, na época do primeiro aniversário da revista, em que muitos não acreditavam que o periódico fosse durar tanto tempo: *"ninguém recusava o amparo pedido. E muito embora as vulgares cassandras de empreendimentos desta natureza atribuissem ao semanário a existência precária das outras(...). O texto traz claramente o objetivo da criação do semanário: Concretização de um sonho que nada teve de mercenário, mas apenas, o anseio de colaborar pelo progredimento intellectual de nossa terra," (...)*; Da primeira parte para a segunda tem-se uma quebra, que pode ser interpretado como uma linha de tempo – fase de transição da adolescência para a fase adulta – . A segunda parte do poema representa a maioridade: *"Vinte e um annos. Sonho da juventude, ansiosa de*

tomar conta de seu nariz, possuir a chave da porta, dispensar o controle dos papás, gritando de peito cheio: sou maior". Esse pensamento é comum entre muitos jovens pensam ao completar a sua maior idade. Porém, o contexto permite ao leitor fazer uma outra leitura que, apesar da idade, a revista precisa de renovação, de auxílio de outras pessoas para se atingir seus objetivos: "*Sonho dourado que muita vez se desfaz quando, logo ao atingi-lo a vida começa a jogar conosco (...)* Foi, talvez pensando isso que a nossa menina, ao completar os seus vinte e anos não nos pediu a chave da porta, nem dispensou nossa tutela(...)". A narrativa apresenta na base nomes das pessoas que compõe a revista (Proprietário,diretor, redatores): "*E. Souza Filho, Everardo Guilhon, Mário Couto, Jurcy Reis Costa, Nestor Miléo, João Zogbby, Eldenor Lima, Abelardo Santos, Roldão Sereni, Hélio Pinto Marques, Milton Lacerda, Nélio Reis, Adalcinda Guimarães, Eugenio e Orlando Souza Filho.*" E, para reafirmar o caráter inovador do texto, tem-se a imagem de uma taça que simbolizaria um brinde a nova idade ou melhor, a nova fase da revista. Por outro lado essa estrutura de texto, remete-nos a poema pré-concretista. O hábito de **ler poesia** rompe-se, predominando o **ver poesia**. A comunicação entre o texto e o leitor se fará, principalmente através da comunicação visual. Dentro da história da literatura brasileira, Alfredo Bosi, afirma que o primeiro sinal do pré-concretismo surgiu a partir de 1952 e se popularizou a partir de 1956: A poesia concreta, ou Concretismo, impôs-se, a partir de 1956, como a expressão mais viva e atuante da nossa vanguarda estética.

O grupo de base já aparece coeso na antologia pré-concreta Noigrandes 1 (1952) em que há poemas, ainda em verso, de Haroldo Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari, escritores cujas obras de estréia têm ainda um ou outro ponto de ligação com formalismo de 45⁸⁵.

Esse estilo inovador de colocar os textos, faz-se presente em outras edições como no poema de Ave Maria, de Octavio de Mendonça, do periódico nº 1038 de 08/07/1939:

⁸⁵ BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*, São Paulo, 1994, p.475.

TARDE de sól. A canícula queimava. Parecia que o grande astro central se zangara de repente com a terra, maltratando-a, por isso, impenitentemente. Tudo em braza. O homem, estafado, espera a noite como deusa. Quer descanso. Aos poucos, entretanto, muito lentamente, o sól decái. O calor passou. Viração ligeira lava o ar, soprando fresca e fina. E' o epilogo do dia. O homem cisma. § Seis horas. § Por encanto, emudecem no ar todos os ruidos. O proprio vento pára. A terra fica como que suspensa um longo minuto, antes de continuar sua vida. O homem pensa. § Que mistério profundo guardará aquela hora pra espalhar tanto recolhimento? E que onda imensa de melancolia o invade sem querer e sem sentir? Não compreende. Mas, insensivelmente, como um autômato governado por qualquer influxo divino, dobra reverente seu joelho, levanta ao céu os olhos mudos e, genuflexo ele, reza. § E' a Ave Maria...

A V E **MARIA**

Octavio Mendonça

Figura 27: Poema *Ave Maria*, edição, nº 1024, de 23/03/1939

Percebe-se que paulatinamente o modernismo literário vai chegando ao Pará, não com a mesma incidência que noutros estados como Rio de Janeiro e São Paulo. Observe que o poema acima apresenta características que permite uma leitura com traços concretistas, como: abolição do verso, aproveitamento do espaço do papel como fator de significado para o poema, aproveitamento da camada material do significante, ou seja o de seu conteúdo visual. Por outro lado tem-se uma poesia religiosa, deixado implícito um certo idealismo, colocado ao lado do conflito entre o pecado e o perdão, lembrando a poesia gregoriana. O eu-lírico joga com o raciocínio e com a argumentação lógica. Ao jogar com a oração o eu-lirico aceita a tradição, submetendo-se ao discurso acabado e fechado da oração, mas com interferência, desmontado-a, reorganizando-a ao seu modo, lembrando o poeta barroco Gregório de Matos, que em seus poemas sacros tinha a preocupação de estabelecer um diálogo com a Divindade, num desejo de superar as limitações materiais, elevando-se espiritualmente e, ao jogar com a tradição renova-a. O poema tem início com a descrição de uma tarde de sol muito forte, que mais parece uma forma de penitência ao ser humano: *Tarde de Sol. A canícula queimava. Parecia que o grande astro central se zangara de repente com a terra, maltratando-a(...) Tudo em braza.* Essa

imagem do sofrimento físico é gradativo , vai se esgotando ao final do dia : *O homem estafado, espera noite como deusa. Quer descanso. Aos poços muito levemente o sol decai. O calor passou.* A angústia pelo qual o eu-lírico passa é transitória, finalizando-se às seis horas e de certa forma a natureza é envolvida nesse mistério divino : *Seis horas. Por enquanto emudecem o ar todos os ruídos. O próprio vento pára (...)* O homem pensa. Outro elemento que remete a comparação de um texto gregoriano são as frases interrogativas, que refletem dúvidas e incertezas: *Que mistério profundo guardará aquela hora pra espalhar tanto recolhimento? E que onda imensa de melancolia o invade sem querer e sem sentir?* Depois desses questionamentos eu-lírico, não conseguindo explicações, eleva-se espiritualmente: *Não compreende. Mas, insensivelmente, como um autônomo governado por qualquer influxo divino, doba reverente seu joelho, levanta ao céu os olhos mudos e, genuflexo ele, reza. É a Ave Maria.* Finalmente na última frase finaliza a tradição religiosa de orar: *É Ave-Maria.*

Outra peculiaridade da revista era a publicação de textos humorísticos, como “O Gramofone”, de Mário Sette em que se percebe a exposição, numa linguagem cotidiana, do desconhecimento do povo a respeito de novas tecnologias:

O GRAMOFONE

- Você já ouviu um gramofone?
 - Que história é essa? Nunca ouvi falar disso.
 - É uma máquina que fala e canta feito gente.
 - Deixe de mentiras. Pensa que eu sou bôbo.
 - Não é mentira, não. Eu já ouvi. Quer ir comigo? O meu visinho comprou um gramofone e hoje de noite bota para tocar.
- A noitinha vão com as famílias ver a novidade.
Em cima da mesa de jantar está o aparelho. Uma caixa amarela, um braço de metal, uma corneta. Metem um tubo de cera de carnaúba com uns risquinhos tremidos. Dão corda.
Todos esperam ansiosamente o que vai sair dali. Muitos ainda duvidam.
Afinal, ouvem uma voz meio rouca, meio fanhosa, cantando uma música conhecida. Direitinho como uma pessoa.
Os olhos ficam gelados de espanto. Há quem suponha uma pilheria. Talvez alguém estivesse cantando atrás de uma porta, escondida. Mas, não. A voz vinha mesmo de dentro da corneta.
Depois o gramofone toca uma cantiga popular.
Um menino, reconhecendo-a, grita:
- Sinhá Totonia lavadeira canta assim mesmo...
 - Menino, cale essa boca. Não faça barulho.
- Didinho , o dono do gramofone, ri-se, acha graça.
A mulher do visinho exclama cheia de admiração:
- Depois disso, minha gente, não se tem mais o que inventar!

MÁRIO SETTE

Estruturalmente este texto possui elementos essenciais de uma narrativa: enredo, foco narrativa em 3ª pessoa, o discurso direto, personagens, espaço, tempo, numa linguagem regional, que retrata as condições socioeconômica e cultural de uma camada da população da época. Além disso, a presença de figuras de linguagem – comparação, prosopopéia - e a descrição enriquecem esse pequeno texto dando-lhe um caráter literário: *Os olhos ficam gelados de espanto*. O *Gramofone*, título do texto, é um objeto também conhecido como fonógrafo, que foi criado em 1877 pelo americano Thomas Alva Edison e chegou ao Brasil no começo do século XX. O excerto abaixo evidencia que as famílias paraenses, sobretudo, as de classe alta tinham obrigação de ter esse aparelho em suas casas, pois isso lhes conferiam *status*. E, para o comerciante o aparelho constituía mais uma forma de atrair o freguês:

(...) o Hino Nacional, em tempo que longe vai a Idade do Gramofone, era sabido, de cor e salteado, pela gente e a arraia miúda, assobiando na rua bucheiros, fruteiros e pequenos doceiros, este os precursores dos atuais mundubizeiros e vendedores de picolés.

Fase áurea do fonógrafo, família que se respeitasse não lhe dispensaria a presença na sala de visitas. Grande, de alto preço, que a gente via logo pela corneta, que mais parecia um sino no tamanho...

Na sua popularidade, o fonógrafo tinha infalível pouso nas quitandas de frutas. Ai dos quatro ou cinco discos do repertório, o bastante para atrair fregueses e apoquentar a vizinhança, indefectível a do Hino nacional. (...)

De Campos Ribeiro⁸⁶

Além de textos humorísticos, o quadro seguinte demonstra o levantamento dos demais tipos de produções literárias divulgadas nessa edição especial de aniversário da revista *A Semana*.

AUTORIA	GÊNERO	TÍTULO
Autoria não mencionado	Poema	Maior idade
Adalcinda Camarão	Poema com ilustração	Luzes do mar
Dulcinéa Paraense	Poema	Renuncia antecipada
Geraldo Vinícius – RJ	Conto	Amor de Fantasia
Oliveira Roma	Crônica	Quando eu ia tomar banho
Sylvio Barradas	Poema	Wu ainda quero mais...
D. Rogério	Crônica	Pedaços da vida de todas
Orlando	Poema	Vida...

⁸⁶ MARANHÃO, Haroldo. *Pará, Capital: Belém Memórias & Pessoas & Coisas & Loisas da Cidade*, Belém, 2000, p.346-347

Nélio Reis	Textos humorísticos	Montanha Russa
Mario Couto	Textos de humor	CHAFARIZ
Bruno Menezes	Romance (trechos)	“Flagelados”
Humberto Danin	Artigo de cunho social –Retrata o comportamento juvenil da época	Moleques de Santana...
José Maria	Notas sobre acontecimentos radiofônicos	Radiovisão
Cléo Bernardo	Poema (social)	Inquietação.
Juracy Reis Costa	Artigo sobre o teatro francês (ensaio)	Molière, o grande mestre do cômico universal
Murilo Menezes	Reportagem: Euclides da Cunha no Pará	Nas plagas do Eldorado
Dalcídio Jurandir	Pequenas notas ligadas à literatura	Batendo um papinho
Sônia	Artigo com fotos da paisagem e da vida dos ribeirinhos	Amazônia: Brasil desconhecido
Milton Lacerda (RJ)	Reportagem com o empresário Teixeira Martins e Cia.sobre o lançamento de Branca de neve e os 7 anões	Apresentando o início da temporada deste ano
Milton Lacerda	Artigo sobre cinema	Dorothy Lamour
Everardo	Notas sobre o cinema no Brasil	Focando
Jose Maria	Comentário sobre programa da rádio PRC 5, rádio Tupi e outros	Radiovisão
Eldonor Lima	Oração as prof ^{as} . Recém formadas.	Oração às novas professoras.
Queiros Albuquerque	Poema	Madrigais
Do Serviço de Divulgação da Polícia Civil do Dist. Federal	Artigo faz menção a Weneslau Fernandes Flores e seu livro <i>O terror vermelho</i> (lembração da Rússia)	Da pregação demagoga de ontem à realidade da farsa de hoje
Mario Sette	Crônica	O gramofone
Rui Coutinho	Conto	Dr. Atílio
Leonardo Nunes	Soneto	Soneto

De acordo com o levantamento dos dados acima, essa edição de aniversário da revista trouxe além dos quadros costumeiros - ensaios, crônicas, textos de humor, acontecimentos sociais e culturais como cinema, teatro, reportagens de personalidades literárias e personalidades do cinema – também contempla um espaço para divulgação de programas da Rádio. PRC 5, Rádio Tupi⁸⁷ e outros.

A revista expõe, também a reprodução de fotos que mostram os espaços em que redatores da *A Semana* dispunham para escrever suas matérias: uma sala, uma máquina de escrever, ou um solitário papel e caneta. Essa página constitui um importante documento de memória do ofício.

⁸⁷ Rádio Tupi – Funciona há 70 anos no Estado do Rio de Janeiro. Sua 1^a. transmissão foi realizada no dia 7 de setembro de 1922 durante a abertura da Exposição Comemorativa do Primeiro Centenário da Independência do Brasil, com o discurso do Presidente da República Epitácio Pessoa

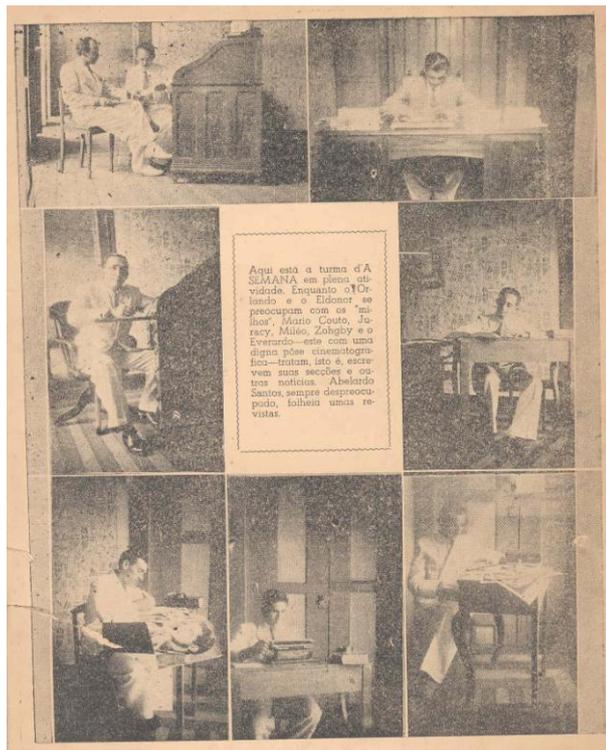


Figura 28: Fotos dos redatores da revista. Edição.nº 1024

A foto acima permite imaginar os espaços de trabalho da revista, uma vez que o prédio já não mais existe. Os redatores no seu ofício, eram privilegiados, tinham gabinetes particulares, tendo como instrumentos de trabalho: talento, máquina de datilografar, caneta e papel.

Embora não esteja contemplado na tabela 03 (três), havia, entre um exemplar e outro, um espaço chamado *Jornais e revistas*, no qual semanalmente eram divulgadas notícias de jornais e revistas da região Norte e de outros estados:

Jornais e revistas

“Cidade Maravilhosa” é uma confrreira carioca, bem feita e bem colaborada, apresentando também um serviço de clichês primoroso. É o órgão oficial da Rádio transmissora Brasileira, o que indica seu principal objetivo. (Edição 1024, de 23/03/39)

“O Globo”-Continuamos recebendo normalmente os números desse bem conceituado jornal que Irineu Marinho fundou e o Roberto Marinho conserva na sua feição ampla, literária e informativa (...). (edição 1040, de 22/07/39)

“O acadêmico de Medicina”- Aparecerá por estes dias, o Acadêmico de Medicina, jornal mensal de assuntos científicos que surgirá em nova fase (...). (idem)

“Norte Agrônômico”—Mais um numero acaba de circular desta revista mensal que traz dentro do setor agrônômico de palpitante interesse para esta classe e assunto mundanos que tornou uma revista completa da sua finalidade. (idem)

Além da divulgação de jornais e de revistas, esse periódico também anunciava ocorrências do mundo radiofônico. Tudo isso associado à cultura, a literatura, a sociedade nacional e internacional. A seguir, tem-se a transcrição de alguns artigos do quadro intitulado *Radiovisão*, na edição 1024, de 23/03/39 que confirmam essa divulgação:

“VOZES e Ritmos do Brasil” é o nome do programa a ser lançado brevemente ao microfone da PRC-5, sob a direção de Gentil Puget (...)

A notável “Associação Brasileira de Compositores e Autores”, formada pela corrente chefiada pelo conhecido compositor e cronista de rádio carioca Oswaldo Santiago, que abandonou a “Associação Brasileira de Autores Teatrais”, está em francas atividades, dentro do seu programa de defesa dos interesses da música nacional e dos direitos dos seus associados (...)

A “Rádio Tupi” consegue, por intermédio de um dos diretores, que há pouco esteve nos Estados Unidos, exclusividade para o Brasil das retransmissões dos programas da “National Broadcasting Corporation”, a importante rede-emissora “Yankee”, que conta com 165 estações.

Vale salientar que, no dia 22 de abril de 1928 vai ao ar a PRC-5, a primeira emissora de rádio da Amazônia, a quarta do Brasil, cumpriu um papel fundamental de integração entre a capital e os vilarejos distantes, onde as informações chegavam por ondas de rádio, quer as pessoas estivessem em barcos, canoas ou em navios. A programação da PRC-5 não se diferenciava das outras regiões do Brasil, como Sul e Sudeste, pois se transmitia, entre outras programações, musicais, eventos de auditórios, radionovelas e concursos de calouros. A emissora começou por iniciativa de amigos e funcionava de modo amador. Mas partir de 1931 o governo de Getúlio Vargas definiu um percentual de 10% da programação para propagandas, onde havia vendas de anúncios o que deu mais sustentabilidade a emissora. Em outros exemplares da revista *A Semana* há registro de reportagens acerca de um programa literário em que a rádio PRC-5 irradiava, o que nos faz inferir que a emissora estava também a serviço da literatura, confira nos trechos da coluna *Radiovisão*:

Novos rumos da Literatura é excelente programa literário que a P.R.D 2 está irradiando as terças, quintas e sábados, às 18:30 horas sob a direção de Ivo Peçanha.

Edição n ° 1038 Ano XXI, de 8/07/1939

Numa sessão da Academia Brasileira de Letras, em que se tratava das comemorações a Machado de Assis, o sr. Roquete Pinto propôs que fosse gravada, com textos escolhidos do creador de D. Casmurro, uma coleção de discos, que seriam distribuídos por todas as instituições que pudessem invocar a figura de Machado de Assis á admiração do povo e dos estudiosos

A idéia é excelente. Como excelente será sua execução. Gravar discos com páginas escolhidas dos romances, das crônicas, dos contos, das poesia traria, realmente, vantagens. Seria um meio moderno, prático e eficaz de tornar conhecida a obra imortal do insigne romancista, fazendo a mais sensacional propaganda de nossa literatura.

Que se concretize o pensamento do sr. Roquete Pinto⁸⁸!

Edição 1033, 27/5/1939

Na edição em estudo -1024 - apresenta relatos sobre o comportamento juvenil da época sob o título “Moleques de Santana”, escrito por Humberto Danin⁸⁹ com exclusividade para este número:

Todo dia, quando eu acordo, eles estão reunidos, em bando alacre, na praça onde eu moro. Às vezes são poucos. Porém, minutos após a chegada do primeiro o vento leva as notas musicais do assobio característico, que é assim como uma senha para os retardatários. E dentro em breve então reúne-se a grande roda, por sob o copado dos benjamins que orlam o largo e jura se então que são periquitos humanizados que ali vieram fazer sua colméia...Mas não o são. São os moleques de Santana, levando a mesma vida, dos outros de todo o mundo com aquela característica simpática que através das épocas, desde o 1º “gavroche” da Place Blance. E eu fico então, espetado na janela do meu apartamento, na contemplação dessa idade de ouro que aqueles valdevinos estão vivendo, sem se aperceberam e vivida por mim, autrora, riosamente também nas mesmas condições...

- X -

Meninos ricos, o nosso bairro era granfino. São Jerônimo. Todos nós, por uma questão de ambiente, deveríamos ser como o bairro. Mas essas inclinações que a gente traz do berço, inexplicáveis e misteriosas e que depois se revelam e avultam, quando a gente toca com as mãos no mundo, essa amizade honesta pelos simples e pelos pobres em que os perversos não acreditam, é que nos fazia procurar a humildade dos subúrbios trocando as diversões aristocráticas da nossa avenida pelo “papagaio” e pelo “peru do galo” que campeavam infrenes, atraz de nossas casas, nas primeiras linhas divisórias do famoso bairro do Umarizal... Não havia a escolher: entre o filho do governador e o preto Carlos nós ficamos com este duro... Éramos, desde então 100% da baixa... Não admira que hoje...

⁸⁸ Edgard Roquette Pinto (1884-1954). Educador e antropólogo. Um dos pioneiros da radiofonia e da televisão brasileira

⁸⁹ Humberto Danin. Uns dos principais jornalista no periódico *Esporte Ilustrado* (1943)ao lado de Medeiros, Pontes Isac, Índio do Jaguaribe.

O caboclo, o Zé Felis, o Siduca, o Sabá, o Miúdo, o sapateiro enfim, a turma toda hoje a tarde estava reunida numa algazarra infernal, quando eu saía de casa. Parei a distancia para não interromper a conclave. Discutiam.

- Se você roubou você entra no cascudo...

- Eu não roubei cabôco..(O caboclo é uma espécie do maioral da turma).

Então como é que o Sapateiro disse que tinha seis tostões no bolso do paletó que ele deixou ali no banco e agora foi ver e não encontrou?... (Cheguei mais pra perto. Era Júri em bruto... O acusado, o Miúdo, um pretinho tuíra, magro, canelas cinzenta. 10 anos de vadiagem, tremia seguro pelos outros).

- Vamo. Confessa!

- Eu não roubei, cabôco...(Resolvi intervir. Notei que o crioulo estava abafado).

- É melhor contar a verdade.

- Pois então eu vou contar: ontem eu não cheguei aqui comendo cocada?

E a turma do coro:

-O Sapateiro não disse que se eu não desse uma pra ele eu apanhava e ele ia buscar a faca da loja do pai dele?

-E o que tem isso?

-Eu não queria apanhar... não sabia de quem era aquele dinheiro que eu "achei" no paletó... não tinha dono... Vocês não gostaram de comê o doce, não foi? Nem perguntaram quem tinha dado o dinheiro...

O Juiz a esse tempo já era eu. Mandei soltar o "preso". Paguei a grande despesa indenizando o Sapateiro, do seu louco prejuízo ... Não pude evitar no entanto, a vaia no preto.

-Nêgo ladrão!...

-Nêgo tuíra, cabeça de pipira...

- Comida de onça...

O pretinho, livre da caça iminente, vôava...

Acalmei a vaia, estabeleci a ordem. E lá me vim a tratar com os homens, a lidar com ávida, a lutar com o mundo...

Os textos narrativos acima constituem representações diferentes da juventude da época. No primeiro texto, o narrador em primeira pessoa é observador, por esse motivo permite-nos uma interpretação parcial e subjetiva de um dado momento da sociedade, reporta-se a um passado, comparando-se àqueles meninos.

Já no segundo texto, o narrador-personagem faz uma comparação do bairro S.Jeronimo, de classe alta e ao bairro Umarizal, de classe baixa, no subúrbio. Segundo o texto, era no subúrbio que estava a diversão: empinar papagaio e brincar de "peru do galo", brincadeiras que raramente se vê hoje, o que não acontecia no bairro grã-fino. O narrador deixa transparecer que se relacionava com duas classes distintas, a classe alta – representada na narrativa pelo filho do governador – e com

classe baixa representada pelo personagem “preto Carlos”, preferindo a última enfatizada no seguinte trecho: “Éramos, desde então 100% da baixa...”

O terceiro texto aborda problemáticas ainda muito comuns na sociedade atual: a delinquência e o preconceito juvenil. O foco narrativo assumido pelo narrador para retratar estas situações é em primeira pessoa que nos informa os nomes das personagens envolvidas no enredo: Cabôclo, Zé Felis, Siduca, Sabiá, Miúdo, Sapateiro. Essa história narra uma discussão entre os membros da turma do Caboclo, a respeito do sumiço de seis tostões do paletó do sapateiro, tendo como acusado o personagem Miúdo, o qual estava sendo julgado quando surgiu o narrador personagem que assumiu o papel de Juiz, impedindo que o acusado fosse punido pelo grupo, porém no final da história fica evidente o preconceito do narrador e dos demais personagens do enredo enfatizado no seguinte excerto: (...) *não pude evitar no entanto, a vaia no preto(...)/ -Nêgo ladrão!.../- Nêgo tuíra, cabeça de pipira...*

Contextualizando esse texto para o presente ressaltam-se os seguintes detalhes: o fato de existir um maioral que equivale ao chefe de “gang”, a questão do cometimento de um furto, para satisfazer um desejo de comer doce e preconceito racial demonstrado no discurso do narrador e das personagens. A linguagem é outro fator importante a ser analisado nessa narrativa, pois se tem a liberdade formal com a incorporação da fala coloquial e realizações incultas da língua: - *Vamo confessa! / Eu não roubei, cabôco...* Sobre isso Afrânio Coutinho referenda-se em Mário de Andrade e tece o seguinte comentário:

Como “papa” do modernismo brasileiro, Mário defende a necessidade do conhecimento profundo da língua que vi servir de instrumento de expressão do escritor. Para ele “só tem o direito de errar que conhece o certo. Só então o erro deixar de o ser, para se tornar um ir além das convenções, tornadas inúteis pelas exigências novas de uma nova expressão”. Acusado de prejudicar a virilidade energética de certas dicções, lembra que traz, em compensação, “uma sonoridade mais familiar, um ritmo mais dengoso e balanceado, que é bem jeito brasileiro desta nossa raça misturada do índio deslizante e do negro dançador.”⁹⁰

Além dessas abordagens sociais, o semanário por vezes voltava ao passado informando ao leitor passagens de escritores ilustres no Estado do Pará, como

⁹⁰ COUTINHO, Coutinho & COUTINHO, Eduardo de Faria. *A Literatura no Brasil*. Vol. 5 Partell. Estilos de Época. Era Modernista. P. 7ª. Ed. São Paulo. 2004 p. 294.

Euclides da Cunha⁹¹, fazendo da revista um documento histórico, literário e social. Veja o artigo intitulado *Na plagas do Eldorado*:

MURILO MENEZES

Um dia, um viajante do mais ilustres que tem surgido sobre o mundo, acostumado a vida ruidosa e trepidante do Rio, como secra ardente dos sertões, decidiu, com a conhecida sede de saber que acomete os naturalistas, ingressar natureza selvagem da Amazônia augusta e formidável.

Chegou a Belém no ano de 1903, em um novo navio do Loide, numa tarde de chuva, em que a garoa como uma cortina de nevoa; parecia envolver as árvores da cidade.

Seguiu pela Avenida Independência, arborizada, bucólica, sóbria, prenhe de inconfundíveis perspectiva urbana jamais vista, e quedou-se hora de indizível deleite diante das maravilhas científicas de que é o repositório o nosso Museu Goeldi. A primeira impressão que sentiu no Pará foi, assim, de sincero encantamento e assombro, não só pelo imutável panorama de águas e selvas a emoldurar a nossa, urbs como por encontrar dentro dela um estabelecimento de aparato intelectual como o nosso museu... luxo privativo dos grandes centros científicos da Europa, ... e que hoje se acha entregue à competência inegável de um modesto naturalista brasileiro, o Dr. José Estevam de Oliveira.

Depois, percorreu ele, rumo do Rio Mar, as paragens recônditas e lacustres, cheias de fronde expressa, em que o natureza híspida das nossas ilhas e dos rios, se estereotypa num quadro de beleza incomparável, tendo como principaes detalhes, o amarelo barrento da águas, o verde escuro das matas, e o céu côr de perola.

Foram justamente esses aspectos tristonhos que fizeram dizer ao viajante insigne: ! que o observador em poucas horas cede á fadiga e amonotonia sem fim e inalterável daqueles horizontes, vazios e indefiníveis como os dos mares...”

Esse naturalista ilustre, misto de escritor fascinante, foi Euclides da Cunha, o artista inigualavel que com seu livro “A margem da História” produziu a obra clássica sobre a Amazônia.

E desde então a região lendária que já vinha sendo perlustrada pelos sábios mais ilustres do Universo, começou de atrair todas s inteligências cultas e todas as imaginações de poetas, ansiosos por devassarem as misteriosas belezas deste Eldorado estranho e maravilhoso.

O texto acima reforça mais uma vez o propósito da revista como veículo de divulgação da literatura, seja como gênero (poema, crônicas, ensaios e outros), seja

⁹¹ Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha (1866-1909). Engenheiro Militar, escritor e jornalista, viajou como repórter pelo sertão baiano para cobrir o conflito entre as tropas do governo e os seguidores de Antonio Conselheiro. De suas reportagens escreveu sua principal obra: *Os sertões*.

como história. Afrânio Coutinho explana sobre a importância de se conhecer a literatura como história:

(...) A história literária era uma dependência da história política, e sua evolução enquadrava-se na dos fatos políticos e sociais. Era natural que se transferisse para o estudo do fenômeno literário o método histórico, pois a literatura não passaria de um reflexo ou produto das atividades humanas gerais. Sendo a literatura um fenômeno histórico, a história literária deveria ser parte da história geral, simples exposições descritivas, diacrônicas.⁹²

E, embora o texto seja uma reportagem, ela não apresenta características deste gênero, como a objetividade, a clareza e a linguagem denotativa. O início do texto reporta-nos para uma narrativa de contos: *Uma dia, um viajante do mais ilustre e bem surgido no mundo* (...) e, apresenta elementos essenciais da narrativa como narrador, personagem, acontecimento. Esse breve relato leva o leitor não só a saber sobre a visita de uma personalidade da literatura nacional a Belém, mas permite - por conta da linguagem conotativa - que o leitor participe desse momento, comprovando que esse texto é mais que uma reportagem informativa, constitui um texto literário, uma vez que uma das funções da literatura é despertar a imaginação e a sensibilidade do leitor.

⁹² COUTINHO, Coutinho & COUTINHO, Eduardo de Faria. *A Literatura no Brasil*. Vol. 5 Partell. Estilos de Época. Era Modernista. P. 7ª. Ed. São Paulo. 2004 p. 292.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa da revista *A Semana* permite-nos afirmar que, como qualquer outro periódico, apresentava vários gêneros textuais o que é comum nas revistas populares no início do século XX. Quanto às ocorrências icnográficas presentes nesse semanário, percebe-se a ênfase dada aos artistas internacionais e nacionais, às personalidades da sociedade belenense e à economia local.

De acordo com o levantamento das quatro edições, do Vol. de 1939, apresentadas neste trabalho, percebe-se que a revista procurou manter não só nas quatro edições estudadas, mas desde a primeira – 1919– um padrão de publicações com leves alterações de uma edição para outra. Nas publicações consideradas de cunho literário, verificam-se nitidamente tendências Modernistas, Neo-simbolistas, Barroca e Parnasiana, sem, contudo desprezar o regional, uma característica presente em textos ou nas imagens publicadas pela revista. Os textos literários de maior incidência dos exemplares compilados são dos seguintes gêneros: poemas, crônicas, contos, trechos de romances e ensaios que se apresentam numa linguagem solta, leve, próxima da linguagem coloquial, com descrição do cotidiano, da vida na cidade e no interior, como se fossem quadros superpostos, uma das propostas modernista que surgiu no começo do século XX. Percebeu-se também que a estruturas de alguns textos já era um prenúncio do movimento concretista que ocorreria a partir de 1952, no Sudeste do País. Assim entende-se que o Modernismo estava chegando paulatinamente ao Pará, convivendo simultaneamente ou mesclando-se com os estilos de época anteriores.

Vale ressaltar que em nenhum momento, nos exemplares estudados, configurou-se o caráter político, salvo de forma indireta, quando havia alguma crítica ao cinema brasileiro e se elogiava o cinema internacional, comprovando-se que a revista não tinha compromisso com a política. Confirma-se também, através do estudo dos exemplares, que as questões de caráter policial daquela época (prisões, assaltos, assassinatos, acidentes) não eram contempladas no periódico, demonstrando que a proposta dos fundadores e diretores da revista estava voltada basicamente para o âmbito cultural, logo, a literatura, o cinema, o folclore, o rádio,

as personalidades locais, nacionais e internacionais eram temas frequentemente veiculados em suas várias edições.

Nesse sentido, o sucesso da revista deve-se ao fato de que esse periódico procurava manter-se sempre atualizado. Tal objetivo era conseguido devido a permuta que havia entre semanários e jornais dos grandes centros culturais (Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Maranhão), o que permitiu a expansão e a durabilidade do semanário, por (26) vinte e seis anos.

Assim, pode-se afirmar que a Revista a *Semana*, foi de suma importância tanto para divulgar os acontecimentos pertinentes da época como para tornar mais conhecidos os trabalhos de autores da literatura local e nacional, que muitas vezes eram incógnitos do grande público e popularizar obras de autores notoriedade regional e nacional a divulgação das produções de nossos escritores.

Ressalva-se, no entanto, que essa dissertação não encerra todas as particularidades apresentadas pela revista *A Semana*, pois há outros objetos a serem explorados com profundidade em pesquisas posteriores como; a propaganda, o cinema, o papel da mulher, os editoriais, charges, entre outros.

REFERÊNCIAS

- A SEMANA. v. 2. 28 de maio. Belém. 1921.
- A SEMANA. v. 2. 25 de agosto. Belém. 1923.
- A SEMANA. v. 13. n. 690. Belém.1931.
- A SEMANA. v. 14. n. 719. Belém. 1932.
- A SEMANA. v. 16. n. 807. Belém. 1934.
- A SEMANA. v. 16. n. 815. Belém. 1934.
- A SEMANA. v. 16. n. 819. Belém. 1934.
- A SEMANA. v. 16. n. 827. Belém. 1934.
- A SEMANA. v. 16. n. 849. Belém.1935.
- A SEMANA. v. 17. n. 853. Belém. 1935.
- A SEMANA. v. 17. n. 855. Belém .1935.
- A SEMANA. v. 17. n. 859. Belém. 1935.
- A SEMANA. v. 17. n. 862. Belém. 1935.
- A SEMANA. v. 17. n. 866. Belém. 1935.
- A SEMANA. v. 17. n. 868. Belém. 1935.
- A SEMANA. v. 17. n. 872. Belém. 1935.
- A SEMANA. v. 17. n. 874. Belém.1935.
- A SEMANA. v. 17. n. 875. Belém.1935.
- A SEMANA. v 18. n. 915. Belém. 1936.
- A SEMANA. v. 18. n. 927. Belém.1937.
- A SEMANA. v 18. n. 928. Belém.1937.
- A SEMANA. v. 20. n. 1014.Belém.1939.
- A SEMANA. v. 20. n. 1015.Belém. 1939
- A SEMANA. v. 20. n. 1017. Belém. 1939.
- A SEMANA. v. 20. n. 1017. Belém.1939.
- A SEMANA. v. 20. n. 1018. Belém.1939.
- A SEMANA. v. 20. n. 1019. Belém. 1939.
- A SEMANA. v. 20. n. 1020. Belém.1939.
- A SEMANA. v. 20. n. 1021. Belém .1939.
- A SEMANA. v. 20. n. 1022. Belém. 1939.
- A SEMANA. v. 20. n. 1023. Belém. 1939.
- A SEMANA. v. 21. n. 1024.Belém.1939

A SEMANA. v. 21. n. 1025. Belém. 1939.
A SEMANA. v. 21. n. 1026. Belém.1939.
A SEMANA. v. 21. n. 1027. Belém. 1939.
A SEMANA. v. 21. n. 1028. Belém. 1939.
A SEMANA. v. 21. n. 1029. Belém .1939.
A SEMANA. v. 21. n. 1031. Belém.1939.
A SEMANA. v. 21. n. 1032 Belém.1939.
A SEMANA. v. 21. n. 1033. Belém.1939.
A SEMANA. v. 21. n. 1034. Belém.1939.
A SEMANA. v. 21. n. 1035. Belém.1939.
A SEMANA. v. 21. n. 1036. Belém. 1939.
A SEMANA. v. 21. n. 1037. Belém. 1939.
A SEMANA. v. 21. n. 1038. Belém .1939.
A SEMANA. v. 21. n. 1039. Belém. 1939.
A SEMANA. v. 21. n. 1040. Belém.1939.
A SEMANA. v. 21. n. 1041. Belém.1939.
A SEMANA. v. 21. n. 1042. Belém.1939.
A SEMANA. v. 21. n. 1043. Belém.1939.
A SEMANA. v. 21. n. 1044. Belém. 1939.
A SEMANA. v. 21. n. 1045. Belém. 1939.
A SEMANA. v. 21. n. 1046. Belém. 1939.
A SEMANA. v. 21. n. 1047. Belém. 1939.
A SEMANA. v. 21. n. 1048. Belém. 1939.
A SEMANA. v. 21. n. 1049. Belém. 1939.
A SEMANA. v. 21. n. 1050. Belém. 1939.
A SEMANA. v. 21. n. 1051. Belém. 1939.
A SEMANA. v. 21. n. 1052. Belém. 1939.
A SEMANA. v. 23. n. 1156. Belém.1941.

ABREU, Márcia.(org). *Leitura, História e História da leitura*. Campinas, SP. Mercado de Letras,1999.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da Vida Inteira*. 20 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARTHES, Roland. *Fotografia*. Disponível em: <http://www.histpirailustrada.com.br>. acesso em: 25.01.2006.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo. 40 ed.1994.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade. Lembranças de velhos*. São Paulo. 11 ed. Companhia da Letras. 2004.

BOPP, Raul. *Cobra Honorato*. Rio de Janeiro. 18 ed. Livraria José Olympio Editora S.A. 1987.

BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa Feminina*. São Paulo. Ática. 1986

CANDIDO. *Literatura e Sociedade*. São Paulo. 8 ed. T.A Queiroz. São Paulo. 2000

CAVALCANTE, Anderson, M. B. *Cinema Olímpia*. Disponível em: <http://www.histpirailustrada.com.br>. acesso em: 25.01.2006.

CHARTIER, Roger (org). *A ordem dos Livros*. Brasília. Ed. UNB, 1999.

COELHO, Marinilce Oliveira. *O grupo dos novos. Memórias Literárias de Belém do Pará*. Belém: EDUFPA:UNAMAZ. 2005.

COLARES. Anselmo Alencar. *A História da Educação em Santarém: Das origens ao fim do Regime Militar (1661-1985)*. Santarém-Pa. ICBS. 2005.

COUTINHO. Afrânio & COUTINHO Eduardo de Faria. *A Literatura no Brasil. Relações e Perspectivas. Conclusão.. v. 6*. São Paulo. 7 ed. Global. 2004.

COUTINHO. Afrânio & COUTINHO Eduardo de Faria. *A Literatura no Brasil. Era Modernista. Vol.5*. São Paulo. 7 ed. Global. 2004.

_____. *Estudos e Problemas Amazônicos. História Social e Econômica. Temas Especiais*. Belém. Instituto do Desenvolvimento Econômico-Social do Pará, 1989.

_____. *Folha de São Paulo. 20 Textos que fizeram história*. São Paulo. São Paulo. 1992.

_____. *Grande Enciclopédia Larousse Cultural*. São Paulo. Ed. Universo Ltda. 1990

_____. *Enciclopédia Britânica do Brasil*. São Paulo. 1996

FERREIRA. Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, 1986.

HALLEWELL, Laurence. *O livro do Brasil*. São Paulo. T. A Queiroz, 1995

HARMAN, Francisco Foot. *Antigos Modernistas, In Tempo e História*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

- ILDONE, José. MEIRA, Clóvis & CASTRO, Acyr. *Introdução à Literatura no Pará*. 2 ed. Belém: CEJUP, 1990.
- JORNAL DE SANTARÉM, Ano: 1, nº 19, Santarém, 1933.
- KOSSY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ática, 1989.
- LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *A Leitura rarefeita – leitura e livro no Brasil*. São Paulo. Ática, 2002.
- LUSTOSA, Isabel. *Insultos Impressos – a guerra dos jornalistas na Independência (1821-1822)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MARANHÃO, Haroldo. *Pará, Capital: Belém. Memórias & pessoas & coisas & loisas da cidade*. Belém Supercores, 2000
- MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: Imprensa e práticas culturais em tempos de República (1890-1922)*. São Paulo: Imprensa Oficial SP: Ed. Da Universidade de São Paulo, 2001.
- MARTINS, Wilson. *A Palavra Escrita – História do livro, da imprensa e da biblioteca*. São Paulo. Ática, 2002.
- MARTINS. Wilson. *História da Inteligência Brasileira. v. VI (1915-1933)*. São Paulo. 2 ed. T.A Queiroz, Editor, Ltda. 1996.
- MARTINS. Wilson. *História da Inteligência Brasileira. v. VII (1915-1933)*. São Paulo. 2 ed. T.A Queiroz, Editor, Ltda. 1996
- _____. *A Crítica Literária no Brasil. v.1*. 2 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- MAUES, Júlia. *A Modernidade Literária no Estado do Pará: O Suplemento Literário na Folha do Norte*, Belém, Unama, 2002.
- MEIRELES, Cecília. *Poesia Completa. v. 4*. 3 Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- REVISTA DE CULTURA DO PARÁ. v. I. n. 3 - maio/julho. 1971. Belém – Pará.
- REVISTA NOSSO PARÁ. v. I. n 01. Belém. Ver Editora. 2005.
- RODRIGUES, Roberto Martins. *A Amazônia Paraense*. Belém. Karton, 1982
- MOISÉS, Massaud. *Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira*. São Paulo. Cultrix, 2001.
- MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira. Modernismo*. São Paulo. v. 5. 2 ed. Cultrix.1993.

ORTIZ, Renato. *A Moderna Tradição Brasileira*. São Paulo. 5 ed. Brasiliense. 1994.

PAIVA, Vanilda Pereira. *Educação popular e educação de adultos*. São Paulo. 5 ed. Edições Loyola. 1987

REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. São Paulo. Martins Fontes, 2000

SANTIAGO, Salviano. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SANTOS, Luciana Vasconcelos. *Novidade: Uma revista paraense á serviço da literatura 2006*. Trabalho de conclusão de curso em Letras Universidade Federal do Pará. 2006.

SOUSA, Inglês de. *Contos Amazônicos*. Belém. Martin Claret. 2005.

ANEXOS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Mourão, Sílvia Carvalho.

A SEMANA: PERIÓDICO LITERÁRIO / Sílvia Carvalho Mourão,
Santarém, 2006.

88f.

Orientado por: Prof. Dra. Germana Sales

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Santarém,
2006.

1. Literatura paraense. 2. História da revista. 3. Imprensa. I. Título.

CDD – 070

Biblioteca do Instituto Cultural Boanerges Sena – Santarém/Pará/Brasil –
CRB 114